

UNISAL

Cristiano Roberto Campelo

A “Política do Pai Nosso” como dimensão articuladora
para a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”

Americana

2014

UNISAL

Cristiano Roberto Campelo

A “Política do Pai Nosso” como dimensão articuladora
para a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”

Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do grau de Mestre à
Comissão Julgadora do Centro Universitário
Salesiano de São Paulo, sob orientação do
Prof. Dr. Severino Antônio Moreira Barbosa.

Americana

2014

Campelo, Cristiano Roberto.

C196p A “Política do Pai Nosso” como dimensão articuladora para a formação de bons cristãos e honestos cidadãos/ Cristiano Roberto Campelo. – Americana: UNISAL, 2014.

88f.

Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Salesiano de São Paulo.

Orientador: Severino Antônio Moreira Barbosa.

Inclui bibliografia.

1. Salesianidade. 2. Educação Sociocomunitária. 3. Dom Bosco. 4. Pedagogia Salesiana. I. Barbosa, Severino Antônio Moreira. II. Centro Universitário Salesiano de São Paulo. III. Título.

CDD 370.1

Catálogo elaborado por Lissandra Pinhatelli de Britto – CRB 8/7539
Bibliotecária UNISAL Americana

Cristiano Roberto Campelo

A “Política do Pai Nosso” como dimensão articuladora
para a formação de bons cristãos e honestos cidadãos

Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do grau de Mestre
em Educação no Centro Universitário
Salesiano de São Paulo, sob orientação
do Prof. Dr. Severino Antônio Moreira
Barbosa.

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada em 13.11.2014, pela
comissão julgadora:

Prof. Dr. P. Edson Donizetti Castilho/Chanceler

Prof. Dr. Severino Antônio Moreira Barbosa/UNISAL

Prof. Dr. Francisco Evangelista/UNISAL

Americana

2014

DEDICATÓRIA

Dedico aos educadores que acreditam em sua missão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, que me possibilitou realizar este trabalho.

A todos os professores que contribuíram em minha formação ao longo destes anos no programa de mestrado.

Agradeço, em especial, ao meu orientador o Prof. Dr. Severino Antônio Moreira Barbosa por sua leitura atenta e generosa, por nossas conversas e por me incentivar no caminho intelectual.

Aos colegas de sala pela convivência fraterna.

EPÍGRAFE

*Atualmente há muito ruído e confusão.
O antídoto para estas pestes são o silêncio e a concisão.*

(Prof. Severino Antônio)

RESUMO

A presente dissertação estuda o nascimento, o desenvolvimento e a aplicabilidade do conceito da “política do pai nosso” como meio articulador do processo educativo, político e social da pedagogia salesiana por meio de pesquisa bibliográfica, com autores como Pietro Braido, Pietro Stella, Antônio da Silva Ferreira, Tacísio Scaramussa, Arthur J. Lenti, Aldo Giraudo, dentre outros. Mostrar-se-á, dedutivamente, que o conceito da “política do pai nosso” nasceu da necessidade de adaptar-se às mudanças históricas surgidas do período da unificação italiana e, principalmente, para o amadurecimento e continuidade da nascente obra de Dom Bosco. Inicialmente parecerá como modo de sobrevivência institucional, mas paulatinamente se transformará em elemento integrador dos fundamentos da pedagogia salesiana (razão, religião e “amorevolezza”) a fim de constituir a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”.

Palavras-chave: Pedagogia Salesiana – “Política do Pai Nosso” – Articulação

ABSTRACT

This dissertation studies the birth, development and applicability of the concept of "policy Our Father" as a means of articulating educational, political and social process of Salesian Pedagogy by means of literature, with authors such as Pietro Braido, Pietro Stella, Antônio da Silva Ferreira, Tacísio Scaramussa, Arthur J. Lenti, Aldo Giraudó, among others. Will show themselves, deductively, that the concept of "policy Our Father" was born from the need to adapt to changes arising from the historical period of Italian unification, and especially for the maturation and continuity of the nascent work of Don Bosco. Initially appear as a mode of institutional survival, but gradually turns into an integrating element of the foundations of Salesian Pedagogy (reason, religion and "loving kindness") to constitute the formation of "good Christians and honest citizens."

Keywords: Salesian Pedagogy - "Policy Our Father" - Articulation

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Cf. conferir

MO Memórias do Oratório de São Francisco de Sales

Op. Cit. *Opere citato*

p. página

Trad. Tradução

Vol. Volume

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
------------------	----

CAPÍTULO I

SITUAÇÃO HISTÓRICA DA ITÁLIA NO TEMPO DE DOM BOSCO

1.1. Do Contexto Internacional	16
1.1.1. Do Império Napoleônico	16
1.1.2. Do Congresso de Viena	18
1.2. Do Contexto “Nacional”, o Italiano	21
1.2.1. Do Legado Napoleônico	21
1.2.2. Da situação italiana no Pós-Congresso de Viena.....	23
1.2.3. Processo de Unificação Italiana	25
1.2.4. A Questão Romana	26
1.3. Das Transformações	27
1.3.1. Das transformações políticas	27
1.3.2. Das transformações religiosas	29
1.3.3. Das transformações socioeconômicas	31
1.3.4. Das transformações culturais e educativas	32

CAPÍTULO II

A POLÍTICA DO PAI NOSSO COMO MÉTODO DE ARTICULAÇÃO SOCIAL DE DOM BOSCO

2.1. Da Escolha dos destinatários	36
2.1.1. Em Castelnuovo	36
2.1.2. O Colégio Eclesiástico.....	37
2.1.3. O Refúgio da marquesa Barolo	42
2.1.4. Da itinerância do Oratório.....	43
2.1.4.1. No cemitério de Santa Cruz (São Pedro <i>in vincoli</i>)	43
2.1.4.2. Nos moinhos do rio Dora (São Martinho).....	44
2.1.4.3. Na casa do padre João Batista Moretta	44
2.1.4.4. No prado dos irmãos Filippi	45
2.1.4.5. Sede definitiva: casa Pinardi.....	45

2.2. Da “política do Pai nosso”	46
2.2.1. Da problemática política	46
2.2.2. Da “política do Pai nosso”	50
2.2.3. Das etapas do amadurecimento das articulações políticas	51
2.2.4. Duas esferas de articulação	52
2.2.4.1. Com as autoridades da sociedade civil	53
2.2.4.1.1. Com o Vigário da Cidade	53
2.2.4.1.2. Com o Ministro Urbano Rattazzi.....	54
2.2.4.2. Com as autoridades eclesíásticas.....	55
2.2.4.2.1. Da oposição dos párocos.....	55
2.2.4.2.1. Da diplomacia entre Estado Italiano e da Santa Sé ..	55

CAPÍTULO III

AS COMPANHIAS COMO INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO DE “BONS CRISTÃOS E HONESTOS CIDADÃOS”

3.1. Dos Fundamentos do Sistema Educativo Salesiano	60
3.1.1. A religião ou o sentido religioso da vida.....	60
3.1.2. A razão ou os valores temporais.....	63
3.2. Da Finalidade Educativa Salesiana	65
3.2.1. Da finalidade compreendida nas origens	65
3.2.2. Da finalidade educativa hoje	67
3.3. Das Companhias como método de articulação do Sistema Educativo Salesiano e ambiente de emancipação	69
3.3.1. Companhia de São Luís Gonzaga	71
3.3.2. Companhia da Imaculada Conceição	73
3.3.3. As Companhias do Santíssimo Sacramento, do Pequeno Clero e a de São José	76

CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
-----------------------------------	----

REFERÊNCIAS	83
--------------------------	----

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende traçar um itinerário histórico a possibilitar algumas respostas a questões importantes na Pedagogia Salesiana, tais como: em que contexto histórico Dom Bosco viveu e como este o influenciou em suas escolhas de vida e missão? Que desafios deveriam ser arrostados por Dom Bosco com o nascimento de sua obra? Que meios e pessoas seriam envolvidos para tal intento? Como Dom Bosco conseguiu articular os elementos essenciais da Pedagogia Salesiana a fim de conseguir seu objetivo educativo: o de formar “bons cristãos e honestos cidadãos”?

Haverá muito ainda que se pesquisar a respeito deste instigante tema. Contudo, o presente trabalho, ainda que modestamente, procurará contribuir para alguma reflexão a respeito dos fundamentos da educação salesiana. Trata-se de pesquisa bibliográfica, com autores como Pietro Braido, Pietro Stella, Antônio da Silva Ferreira, Tacísio Scaramussa, Arthur J. Lenti, Aldo Giraudo, dentre outros.

Pertence à linha de pesquisa de análise histórica da práxis educativa nas experiências sociocomunitárias, cuja finalidade é a investigação teórico-metodológica da práxis, centralizada no reconhecimento das múltiplas contribuições históricas oferecidas pelas instituições educativas e a incidência dos projetos político pedagógicos por elas atuados nos seus contextos socioculturais.

Não há muitos estudos a respeito deste tema na literatura salesiana. Foi um desafio pensar a respeito e até certo risco; porém é preciso buscar novas leituras e possibilidades para homenagear este modo de educar. Para uma tentativa de resposta às questões propostas, esta dissertação constará de três capítulos.

O primeiro capítulo tratará do contexto histórico da Itália no século XIX, a delimitar as transformações políticas, religiosas, socioeconômicas, culturais e educativas que influenciaram a escolha e a ação educativa de Dom Bosco.

O segundo capítulo subdividir-se-á em duas partes: a primeira parte apresentará como foi a escolha laboral de Dom Bosco; e a segunda parte versará a respeito de sua ação política – a “política do pai nosso” – com o escopo de articular sociedade civil e religiosa para seu intento filantrópico.

Finalmente, no terceiro capítulo, demonstrar-se-á como este importante meio articulador, a “política do Pai Nosso”, foi capaz de efetivar os elementos essenciais da Pedagogia Salesiana a ponto de favorecer o protagonismo juvenil no processo educativo formando comunidades de “bons cristãos e honestos cidadãos”.

Capítulo I

Situação Histórica da Itália no Tempo de Dom Bosco

*O italiani, io vi esorto alle storie.*¹
(U. FOSCOLO – poeta italiano, 1778-1827)

*History is the essence of innumerable biographies.*²
(TH. CARLYLE – historiador escocês, 1795-1881)

João Melchior Bosco, doravante Dom Bosco, viveu entre 16 de agosto de 1815 e 31 de janeiro de 1888. Seu nascimento coincide com acontecimentos importantes de ordem internacional e "nacional".

No âmbito internacional, o início do século XIX foi o período que assinalou a passagem definitiva da Europa do *ancien régime* para a idade contemporânea, causada pelo forte abalo da Revolução Francesa e do Império Napoleônico (1789-1814). A reviravolta pôde ser contida pelas resoluções do Congresso de Viena (1814-1815), o qual deu uma organização provisória à geografia da Europa, por exemplo, a Áustria ficou com a Lombardia e o Vêneto e o resto da região ficara dividida em diversos Estados, entre os quais os chamados Estados Pontifícios, governados pelo Papa.

No âmbito "nacional", a Itália era o nome da região banhada pelo Mar Mediterrâneo. Não possuía unidade política e nem era um país como é hoje. Na verdade, havia a coexistência de vários estados que viviam em frágil clima de paz. Com o passar do tempo vai se consolidando o momento de unificação chamado de *Ressorgimento* que pretendia fazer da Itália uma nação unificada. Contudo, havia dois importantes obstáculos a serem transpostos: no plano temporal, o domínio da Áustria não só em relação à região Lombardo-Vêneto, mas também sobre outras cortes italianas. No plano espiritual, o Papa que não renunciaria a seus Estados Pontifícios que ocupavam a região central da península italiana.

Estes dois contextos históricos e políticos condicionaram profundamente a sociedade italiana e, conseqüentemente, a vida de Dom Bosco, sua atuação pastoral e educativa. Objetiva-se neste capítulo é abordar as problemáticas

¹ Tradução do autor: "Ó italianos, eu vos exorto à História".

² Tradução do autor: "A História é a essência de inumeráveis biografias".

supracitadas e identificar os elementos de transformação política, socioeconômica, cultural e educativa da Itália.

1.1. Do Contexto Internacional

1.1.1. Do Império Napoleônico

O Império foi marcado pela continuidade das guerras externas, em geral comandadas pela Inglaterra, que, embora já dominada pela mentalidade capitalista – burguesa, via na França uma possível rival no continente aos seus produtos industrializados. Os demais países, que formaram as diversas coligações – até 1815, foram sete – eram, em geral, monarquias absolutistas temerosas dos reflexos da Revolução sobre sua estabilidade política. O primeiro confronto do período imperial deu-se contra a Terceira Coligação (Inglaterra, Rússia e Áustria), formada em 1805.

A hegemonia francesa sobre o continente europeu, entretanto, dependia da neutralização da poderosa Inglaterra, a maior potência econômica do período. Se, por um lado, a Inglaterra dominava os mares com sua imbatível marinha, por outro, a França dispunha do maior exército em terra. Em 1806, Napoleão decretou o Bloqueio Continental (Decreto de Berlim), objetivando isolar a Inglaterra do restante da Europa e assim reduzir o poderio econômico britânico. O Decreto de Berlim proibia aos aliados da França comercializar com a Inglaterra, quer comprando, quer fornecendo matéria-prima sob o risco de serem invadidos por tropas francesas. Mais tarde, ficaria claro que o Bloqueio Continental era mais prejudicial às nações europeias continentais do que à nação inglesa, que encontrava em outras regiões compradores para seus produtos.³

Como imperador do continente, Napoleão disseminou pelos países conquistados os princípios liberais franceses, especialmente o Código Civil, e derrubou as velhas estruturas aristocráticas. Assim, os sucessos militares desde a Revolução deviam-se, em grande parte, aos princípios ideológicos franceses contra as tiranias do Antigo Regime.⁴

³ Cf. Jacques GODECHOT, *L'epoca delle rivoluzioni*. Turim: Utet, 1981, 929 p.; Cf. IDEM, *A Revolução Francesa: cronologia comentada*. Trad. Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, 415 p.

⁴ Cf. Albert SOBOUL, *A Revolução Francesa*. Trad. Rolando Roque da Silva. 6ª Ed. São Paulo: Difel, 1986, p. 90-108.

A economia francesa não possuía uma estrutura com potencial para substituir a Inglaterra nas relações econômicas do continente. A Rússia diante do estrangulamento de sua economia decorrente do Bloqueio Continental, desprezando as ameaças de Napoleão, o czar Alexandre I resolveu abrir os portos russos aos ingleses, compradores de sua produção de trigo.⁵

Napoleão respondeu à atitude da Rússia reunindo, em 1811, um poderoso exército de mais de seiscentos mil homens, que atravessaria toda a Europa Central e marcharia sobre a Rússia, na sua mais audaciosa, mas também trágica campanha militar. Diante do poderio do exército francês, os russos utilizaram a tática da 'terra arrasada', segundo a qual, na iminência de invasão de alguma região, destruíam eles mesmos tudo o que pudesse ter valor ou ser útil ao inimigo. Dessa forma, evitavam confrontos sangrentos com o inimigo e abatiam o ânimo dos franceses, que eram impedidos de fazerem saques e se reabastecerem.⁶

Quando conseguiu entrar em Moscou, depois de longas batalhas, o exército napoleônico encontrou a cidade abandonada e incendiada. Sem abrigo, fustigados pelo rigoroso inverno de 1812 e enfrentando as implacáveis guerrilhas russas, os homens de Bonaparte iniciaram a retirada, permitindo aos russos tomarem a ofensiva. Napoleão saiu da Rússia com menos de cem mil soldados, desmoralizado e tendo de enfrentar o resto da Europa, que se mobilizara contra ele.⁷

Esgotado, Napoleão teve de enfrentar uma sucessão de derrotas e fracassos. Forma-se a Sexta Coligação, composta por Prússia, Inglaterra, Rússia e Áustria, que o venceu na batalha das Nações, em Leipzig, em outubro de 1813. Culminando a fase de derrotas, em março do ano seguinte os aliados entraram vitoriosos em Paris, obrigando Napoleão a assinar o Tratado de Fontainebleau. De acordo com esse tratado, o imperador abria mão de todos os direitos ao trono francês, recebendo em troca uma pensão de dois milhões de francos anuais e plena soberania sobre a ilha de Elba, situada no mar Mediterrâneo, perto da Córsega.⁸

⁵ Cf. Albert SOBOWL, **A Revolução Francesa**, p. 90-108.

⁶ Cf. Eric HOBBSBAWN, **A era das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 105.

⁷ Cf. Nigel NICOLSON, **Napoleão: 1812**. Trad. Henrique de A. Mesquita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 127-161.

⁸ Cf. *Ibidem*, p. 162-191.

Após o exílio de Napoleão, restabeleceu-se a dinastia dos Bourbons na França com a coroação do rei Luís XVIII. Alguns meses depois, Napoleão fugiu da ilha de Elba e desembarcou na França em março de 1815 com mil e duzentos soldados. O rei Luís XVIII retirou-se para a Bélgica, e Napoleão pôs-se novamente à frente do governo francês.

Após retornar ao poder Napoleão tentou uma rápida ofensiva contra a Sétima Coligação, mas a batalha de Waterloo foi vencida pelo duque inglês de Wellington. Tal derrota selou o fim de Napoleão que foi exilado na ilha de Santa Helena, colônia da Inglaterra no Atlântico Sul, vindo a falecer em 05 de maio de 1821.⁹

Os dezesseis anos em que Napoleão liderou a França e comandou seus exércitos permitiu grande parte de suas conquistas sociais e políticas, especialmente, a disseminação dos princípios revolucionários a vários países europeus. Embora muitos tentassem restaurar o Antigo Regime, tal iniciativa se tornava cada vez mais difícil, pois a Europa apresentava agora outro perfil histórico.¹⁰

1.1.2. Do Congresso de Viena

Após a derrota de Napoleão em Leipzig, na batalha das Nações (1813), as grandes potências europeias – Áustria, Inglaterra, Rússia, Prússia e a França reuniram-se em Viena, na Áustria, numa convenção internacional, a fim de restabelecer a situação política europeia anterior à Revolução Francesa. Interrompido temporariamente durante o governo dos Cem Dias, o Congresso de Viena era presidido pelo representante da Áustria, príncipe Metternich; o czar Alexandre I, da Rússia; Frederico Guilherme III, da Prússia; Wellington e depois Castlereagh, da Inglaterra; e Talleyrand, da França, além de representantes de outras nações europeias.

O Congresso de Viena fundamentou-se em dois princípios: o da legitimidade e do equilíbrio europeu. O primeiro princípio foi proposto e defendido por Talleyrand (França) que visava restaurar nos Estados europeus as dinastias legítimas, isto é, as

⁹ Cf. Nigel NICOLSON, **Napoleão: 1812**, p. 221-243.

¹⁰ Cf. Albert SOBOUL, **A Revolução Francesa**, p. 109-122.

que reinavam no período pré-revolucionário e, também, restabelecer as fronteiras nacionais desse mesmo período. Neste último quesito, a restauração não logrou êxito, pois Inglaterra, Rússia, Áustria e Prússia, fortes e vitoriosos, apossaram-se de territórios de Estados mais fracos, como Polônia, Itália e França. Já o princípio do equilíbrio europeu fundamentava-se no restabelecimento das relações de força entre as potências europeias, por meio da divisão territorial do continente e também das possessões coloniais do mundo. Em suma, buscou-se a restauração monárquica e a reinstalação da aristocracia no poder.

Resumidamente, a seguir, nove ações contidas nas Atas do Congresso:

1. As monarquias da Áustria e Prússia foram restauradas com numerosas adições e ajustes. Por exemplo, na Itália, com o domínio sobre Milão (Lombardia), a Áustria recebeu a região de Veneza, formando o Reino Lombardo-Vêneto.
2. O Reino dos Países Baixos, integrado por Holanda e Bélgica, foi formado no quadro do antigo governo hereditário, reinando então Guilherme I.
3. Uma Confederação alemã foi criada para substituir a Confederação do Rin (Rheinbund) do tempo de Napoleão e o antigo Império que compreendia 39 estados soberanos.
4. A Rússia recebeu a maior parte do Grão-Ducado de Varsóvia (Reino da Polônia), enquanto Cracóvia, ao sul, tornou-se um estado independente.
5. O Reino Unido manteve Malta, Helgoland (pequena ilha no mar do Norte), uma parte das colônias da França e dos Países Baixos e a República das Sete Ilhas Jônicas, posteriormente cedidas à Grécia.
6. A Suécia manteve a Noruega, adquirida anteriormente por força de um tratado.
7. Os 19 cantões da Suíça passaram a 22 mediante a adição de Genebra, Neuchâtel e Wallis.
8. As dinastias da Espanha e dos estados regionais italianos foram restauradas.
9. A Grã-Bretanha, Alemanha, Áustria, Prússia e Rússia mantiveram a fórmula congressual na “Quádrupla Aliança”.¹¹

Do Congresso de Viena surgiu a Santa Aliança, proposta pelo czar Alexandre I, que sob o rótulo de proteção à paz, à justiça e à religião, objetivava lutar contra as manifestações nacionalistas e liberais decorrentes das ideias implantadas pela Revolução Francesa.

¹¹ Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 1: Origem: Dos Becchi a Valdocco (1815-1849). Brasília: Editora Dom Bosco, 2012, p. 128-129.

Vários fatores desagregaram os planos estabelecidos no Congresso de Viena, bem como da Santa Aliança. A estrutura econômica adotou o capitalismo como regra, a Revolução Industrial da Inglaterra espalhou-se por outros países, vindo a fortalecer valores burgueses, liberais e nacionalistas. Os princípios do Antigo Regime, restabelecidos pelo Congresso de Viena, tornou-se empecilho para a construção de uma nova sociedade. As decisões impostas pela Santa Aliança e o sistema de alianças elaborado por Metternich foi mutilado e engolido pelas revoltas liberais europeias.

De 1815 a 1830 instalou-se a fase reacionária que se resumiu em revoluções e na consolidação dos ideais burgueses na edificação de um Estado e sociedade liberais.

A partir de 1830, com a consolidação liberal, aquela efervescência revolucionária que antes estava restrita à França irradiou-se por todo o continente, incluindo muitas áreas das ex-colônias, favorecendo expectativas em que, especialmente para alguns líderes e intelectuais, se antevia uma 'primavera dos povos', isto é, sua plena libertação e solução dos seus graves problemas sociais. Porém, o novo comando político liberal burguês não estava interessado num avanço tão profundo das transformações político-sociais como almejavam muitos dos grupos ativistas, fazendo com que a liderança burguesa passasse da posição de locomotiva revolucionária para uma posição muito mais conservadora e reacionária.

Em suma, o Congresso de Viena possibilitou a ascensão das nações mais poderosas como Inglaterra, Alemanha, Áustria e Rússia engendrando na segunda metade do século o início do que seria o apogeu europeu.

Junto com a crescente complicação da vida econômica, social e política e com o embora lento ampliar-se das liberdades, cresce mais evidente pluralismo de concepções de mundo, das ideologias políticas, dos conceitos morais e religiosos.¹²

¹² P. BRAIDO, **Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco**. Trad. Jacy Cogo. São Paulo: Editora Salesiana, 2004, p. 19.

1.2. Do Contexto “Nacional”, o Italiano

1.2.1. Do Legado Napoleônico

O período napoleônico dividiu a Itália política e administrativamente. Ao norte, havia o Reino da Itália cujo soberano era o próprio Napoleão que governava por meio de um vice-rei, o general Eugênio de Beauharnais, que compreendia inicialmente a Lombardia, a Emília e os Estados Pontifícios. Após a batalha de Austerlitz (1805) juntaram-se Veneza e o Vêneto. Ao sul, o Reino de Nápoles regido por José Bonaparte e depois governada pelo marechal Joaquim Murat. Como províncias do Império francês estavam o Piemonte, Gênova, a Toscana e o Lácio, os territórios pontifícios ao redor de Roma (Lácio) não faziam parte do Reino da Itália, pois eram governados como províncias do Império francês.¹³

O legado napoleônico aos italianos foi marcado por situações negativas e outras positivas. Verificou-se nas negativas o alistamento forçado ao seu exército resultando a morte de milhares de vidas; a substancial elevação dos impostos tornando-os intoleráveis à população causando aflições e instabilidade social; saque do tesouro de arte, causando profundo furor. Por outro lado, houve algumas medidas positivas, tais como: a aquisição de trabalho baseou-se no talento pessoal e não na influência de terceiros; passou-se a punir a bandidagem; os administradores públicos eram nomeados e competentes, isto é, eficientes e pouco propensos à corrupção.

(...) novo modo de governar procedeu-se, em todas as partes, à reforma administrativa, com critérios lógicos, deixando de lado as motivações históricas. Introduziram-se novos sistemas de contabilidade e exerceu-se um controle escrupuloso dos funcionários. Houve também melhorias no desenvolvimento urbano. Criaram-se novas escolas e construíram-se novas estradas. Eliminaram-se territórios pantanosos, convertidos em áreas de cultivo; a agricultura e a indústria viram-se estimuladas.¹⁴

As reformas napoleônicas foram concluídas em ritmos diferentes. No sul da península italiana, mais precisamente, o Reino de Nápoles, devido sua imobilidade e letargia cultural, continuou à margem das reformas; no norte, o Reino da Itália, que

¹³ Cf. Pietro BRAIDO, *Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco*, p. 18.

¹⁴ Arthur J. LENTI, *Dom Bosco: História e Carisma*. Vol. 1, p. 126-127.

ia de Milão a Veneza e Bolonha foi cenário de reformas importantes e duradouras. O vale do rio Pó converteu-se numa zona econômica extraordinária e prosperou comercialmente. Milão, conhecida como a capital napoleônica, foi o centro financeiro do vale e, converteu-se em centro cultural e intelectual não só da região, mas de toda península. A partir de Milão, Napoleão fez uma revolução econômica e social que teve sucesso permanente na vida italiana.¹⁵

No âmbito educacional, a determinação mais importante e inovadora, que se teve do sistema de Napoleão, foi tornar obrigatória a escola fundamental de dois anos para os meninos com 7 anos ou mais.¹⁶

Napoleão revolucionou o âmbito jurídico italiano não só com seu Código Civil – de 1804 a 1810, severo, detalhado e claro, que promoveu a ordem, a unidade e a igualdade legal, sem distinção de pessoas decorrente da posição social ou linhagem, e permitiu o casamento civil e o divórcio – mas também em outros elementos tais como:

(...) as leis feudais, sobretudo as da propriedade, foram suprimidas; aboliram-se as leis restritivas contra os judeus e o uso da tortura; separaram-se as jurisdições civil e criminal. O sistema judicial foi reorganizado, de modo que fossem introduzidos os julgamentos públicos enquanto os advogados defendiam suas causas no tribunal, e não só enviando documentos escritos.¹⁷

Contudo, o legado mais importante do domínio francês na península itálica foi a de semear na mente do povo a ideia de que uma revolução liberal poderia ter sucesso e que a Itália poderia se tornar uma nação unificada.¹⁸

¹⁵ Cf. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 1, p. 126.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, p. 219.

¹⁷ *Ibid.*, p. 127.

¹⁸ O movimento de restauração ocorrido nos Estados italianos deu-se como um desdobramento do Congresso de Viena na península. Adotou-se a política de Metternich, mas procurou-se evitar uma ruptura drástica com toda a estrutura administrativa implementada pela ocupação de Napoleão. Os governos eram aconselhados, e alguns até obrigados a não desmontarem os quadros de funcionários e burocratas do regime napoleônico, evitando, assim, uma ruptura brusca que poderia instalar o caos. Cf. Luiz Antonio Hunold de Oliveira DAMAS, **A Preventividade na Educação Salesiana: Gênese e Desenvolvimento até sua consolidação no Ensino Superior**. Doutorado em Educação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002, p. 36.

Assim, Revolução Francesa somada à experiência da Itália sob o domínio de Napoleão no campo político, social, militar, econômico e ideológico influenciaram o pensamento italiano e o futuro do movimento chamado *Ressorgimento*.

O período napoleônico desejava romper total e radicalmente com a tradição, tanto política quanto religiosa.

Em 1792 o calendário cristão foi abolido na França e, em 1793, estabeleceu-se, para ser adorada, a 'deusa Razão'. Os intentos não lograram êxito, mas foram tentativas de enfraquecer a Igreja a fim de convertê-la em instrumento do Estado e sem força frente à sociedade.

Os revolucionários franceses pensavam que ao eliminar a Igreja na França o cristianismo entraria em colapso. À morte de Pio VI no exílio em 1799, celebraram-se funções públicas 'pela morte da Igreja'. Esta, na verdade, despojada do poder temporal, sobreviveu graças à força do seu poder espiritual.

Napoleão, embora no início tivesse laços com os revolucionários franceses, preferiu adotar um caminho diverso em sua política eclesiástica. Na Itália, seguiu a linha da concordata francesa, com sua peculiar rigidez galicana. Mediante uma série de decretos emanados em Milão, no tempo de sua coroação, ele reorganizou a estrutura eclesiástica no norte da Itália, sem qualquer referência a Roma. Os limites territoriais das paróquias foram redefinidos e muitas paróquias foram suprimidas sob a acusação de serem desnecessárias. As ordens religiosas ou aceitavam as reformas ou eram completamente suprimidas.¹⁹

1.2.2. Da situação italiana no Pós-Congresso de Viena

Após o Congresso de Viena a Itália ficou dividida da seguinte maneira:

O Reino Lombardo-Vêneto, sujeito ao domínio austríaco (o Trentino, Trieste e parte da Ístria tornaram-se territórios imperiais); o Ducado de Parma e Piacenza, doado a Maria Luísa de Habsburgo (1815-1847), ex-imperatriz dos franceses (quando morrer, o ducado passará aos Bourbons de Parma); o Ducado de Modena e Reggio, entregue a Francisco IV de Habsburgo-Este (1815-1846); o Ducado de Massa e Carrara concedido a Maria Beatriz de Este, mãe de Francisco IV (quando morrer, em 1831, o ducado passará ao filho); o Ducado de Lucca, dos Bourbons de Parma. Foi depois incorporado ao Grão-Ducado da Toscana, doado a Fernando III de Habsburgo-Lorena (1814-1824), irmão do imperador da Áustria, Francisco I de Habsburgo (1806-1832); o Estado

¹⁹ Arthur J. LENTI, *Dom Bosco: História e Carisma*, p. 127-128.

Pontifício restituído em Avinhão a Pio VII (1800-1823); Reino das Duas Sicílias, concedido a Fernando IV de Bourbon (1815-1825); o Reino da Sardenha, sob Vítor Emanuel I de Sabóia (1802-1821), formado pela Sabóia, Piemonte, Nizza, Sardenha e aumentando depois com o território da ex-república de Gênova. A república de San Marino conservará sua secular independência.²⁰

A Áustria ficou com a Lombardia e o Vêneto e o resto da região fora dividida em diversos Estados, entre os quais os Estados Pontifícios.²¹

À medida que os italianos foram tomando consciência de sua situação, surgiu um movimento que tendia a fazer da Itália um único país. Começa, então, o período chamado de *Ressurgimento*: a Ressurreição da Itália como nação unificada. Dois obstáculos principais se opunham a esse ideal: no plano temporal, o domínio efetivo da Áustria não só no Lombardo-Vêneto, mas também sobre outras cortes italianas. No plano espiritual, o Papa não renunciaria a seus Estados, que cortavam a península ao meio.²²

Diversas foram as propostas para o futuro Estado italiano. José Mazzini propunha uma República. Sua proposta foi apoiada pelas sociedades secretas, mas rejeitada pela sociedade da época. Os neo-guelfos²³ propunham uma confederação, sob presidência do Papa. Durante a primeira guerra da independência, o Papa, para evitar um cisma na Áustria, retirou suas tropas que estavam combatendo os austríacos ao lado dos outros italianos. Com isso caiu a proposta de uma confederação italiana. Restou a proposta de unificar toda a Itália, com a supressão também dos Estados Pontifícios.²⁴

²⁰ Pietro BRAIDO, **Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco**, p. 18.

²¹ Desde Gregório Magno, quando a capital do Império se encontrava em Constantinopla e Roma, o Papa tivera que assumir várias funções de governo na região, a fim de socorrer às necessidades da população. Com o advento de Pepino, o Breve, o domínio papal sobre o Lácio foi consolidado. Com o tempo tal domínio foi se estendendo pela Itália Central até atingir as margens do Mar Adriático, do outro lado da península; depois foi se expandindo para o norte, incluindo Bolonha e toda a Emília-Romanha.

²² Cf. *Op. cit.*, p. 18.

²³ Na Idade Média, quando das lutas entre o Império e o Papado, chamavam-se Guelfos os que apoiavam o Pontífice, e Guibelinos os que apoiavam o Imperador.

²⁴ Cf. *Op. cit.*, p. 19-20.

1.2.3. Processo de Unificação Italiana

Em 1848,²⁵ Carlos Alberto, rei do Piemonte, declarou guerra à Áustria. Foi apoiado pelos Estados italianos em geral, que mandaram tropas para ajudá-lo. Mas as tropas austríacas levaram a melhor e Carlos Alberto teve que renunciar ao trono e retirar-se para Portugal.

Com o advento de Camilo Benso de Cavour ao Governo, o projeto de unir a Itália debaixo da coroa do Piemonte retomou fôlego. Cavour começou por entrar na guerra da Criméia, apoiando França e Inglaterra contra a Rússia. Com isso, pôde levantar a voz em favor da unidade italiana perante as grandes potências.

Em 1859 teve início a segunda guerra de independência. Desta vez, o Piemonte contava com o apoio da França. A guerra terminou com um acordo entre Áustria e França. Aquela cedia a Lombardia aos franceses, que passaram essa região ao Piemonte, em troca de Nice e da Sabóia.

Os Ducados de Módena e Parma, o Grão-Ducado da Toscana e a região da Emília-Romana, que pertencia aos Estados Pontifícios, votaram em plebiscito a união ao Piemonte para constituir o Reino da Itália. Uma expedição chefiada por José Garibaldi invadiu a Sicília. Os “gato-pardos” da ilha aderiram aos “camisas-vermelhas” e foi possível passar Nápoles para o continente.

A este ponto, temendo que Garibaldi proclamasse a República do Sul da Itália, o exército piemontês invadiu os Estados Pontifícios e chegou a Nápoles. Garibaldi submeteu-se ao Rei. Surgiu no Sul da Itália, um movimento de guerrilha, que os meios oficiais apelidaram de “banditismo”, e que por mais de cinco anos empenhou setenta e cinco mil homens do exército italiano para poder consolidar o poder da coroa do Piemonte no território napolitano.

Faltavam apenas Roma e o Vêneto, para completar a unificação do país. A França mantinha tropas em Roma, desde 1849. O Vêneto continuava com a Áustria.

²⁵ Evento histórico importante neste ano foi o Manifesto Comunista.

Em 1866, a Itália aliou-se com a Prússia contra a Áustria. Para os italianos, foi uma campanha desastrosa, mas seus aliados venceram os austríacos sem dificuldade e a Itália pôde entrar de posse do Vêneto.

A ascensão da Prússia teve como consequência a guerra com a França em 1870. Paris retirou suas tropas de Roma. Os italianos então puderam tomar a cidade, o que foi feito sem resistência. O Papa deixou o palácio do Quirinal e considerou-se prisioneiro no Vaticano – inicia-se a questão romana.

1.2.4. A Questão Romana

A questão romana iniciada em 1870 se prolongaria até 1929. O papa não reconhecia o domínio da Itália sobre os antigos Estados Pontifícios. O governo Italiano, além de considerar legítimo o processo de unificação da pátria, não renunciava aos privilégios que a coroa piemontesa tinha no campo eclesiástico e os estendia a todo o território italiano.

Os católicos italianos ficaram divididos em dois grupos. Os intransigentes se opunham ao reconhecimento do poder da Itália sobre os Estados Pontifícios e à consequente política que o governo mantinha. Os conciliadores consideravam a unificação como um fato já consumado e trabalhavam para que chegasse a uma conciliação na questão romana a fim de trazer paz religiosa ao país.

O governo italiano considerava o problema apenas como uma questão interna à Itália. Procurou definir a posição do Papa com a Lei das Garantias. Ficava assegurado ao Pontífice o pleno exercício de sua autoridade sobre a Igreja católica e dava-se a ele uma pensão para sua manutenção no Vaticano. O Papa considerava o problema como uma questão que interessava também à comunidade internacional e que tinha que ser negociada. Não reconheceu a Lei das garantias e renunciou à pensão.

Com Leão XIII houve um momento de esperança, que logo se dissipou. A questão romana só seria resolvida em 1929, quando Mussolini assinou com o Papa Pio XI o Tratado de Latrão. A religião católica continuou a ser a religião oficial da

Itália. O Papa passava a governar apenas o Estado Vaticano, um país independente e que era conhecido também pela comunidade internacional.²⁶

1.3. Das Transformações

A atmosfera social em que o jovem sacerdote João Bosco nasceu, formou-se e atuou foi condicionada pelos acontecimentos históricos traçados até aqui, especialmente, da região do Piemonte. As transformações políticas, religiosas, socioeconômicas e educativas deram as matizes para a leitura teológica que Dom Bosco fizera e que norteou suas atividades pastorais, assistenciais, educativas e catequéticas.

1.3.1. Das transformações políticas

A unificação da Itália e o fim do poder temporal do sumo pontífice eram os acontecimentos políticos mais importantes. Também nesse aspecto, a história política da Itália se entrelaça com a história religiosa. No fim do processo evolutivo – 1870, a tomada de Roma – os nove estados em que a península é desmembrada, tornam-se um único organismo político.

Por uma parte, a existência do Estado pontifício é vista como problema territorial e político italiano; ao contrário, pela outra é considerada problema teológico vital que interessa à Igreja universal e abarca a política internacional.²⁷

De 1815-1848 prevalece o clima da “restauração”, que em parte é também “reação”. Progridem, ao mesmo tempo, as ideias liberais e se espalham movimentos e sociedades quase sempre secretas, decididas a promover movimentos mais radicais em campo político e social de inspiração “democrática”: maçonaria, ligas estudantis, a “Jovem Itália” e a “Jovem Europa”. Diuturnamente, explodiam movimentos revolucionários nos biênios 1820-1821 e 1830-1831, em 1834, em 1843, 1844, 1845. É o prelúdio da grande insurreição de caráter político, social e nacional.

²⁶ Cf. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**, p. 314-317; Cf. Pietro BRAIDO, **Dom Bosco padre do jovens no século da liberdade**. Trad. Geraldo Lopes. São Paulo: Editora Salesiana, 2008, p. 26-32.

²⁷ P. BRAIDO, **Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco**, p. 19.

O decênio de 1852-1861 é dominado pelo presidente do conselho, Camilo Benso di Cavour²⁸ – figura como ministro desde outubro de 1850. Apoiado por uma coligação de liberais moderados e de democráticos não extremistas, cujo comando era exercido por Urbano Rattazzi²⁹ que postulava uma enérgica política de liberalização leiga do Estado, com base no princípio “Igreja livre em Estado livre”, somada à intensa atividade de internacionalização do problema da unidade italiana, intensificada no biênio 1859-1860, com a segunda guerra de independência (1859), com a expedição dos Mil, comandada por Giuseppe Garibaldi (1860), e com as sucessivas anexações. Completa-se quase inteiramente com a terceira guerra de independência – anexação do Vêneto, em 1866 – e com a tomada de Roma em 1870.³⁰

Vítor Emanuel II foi proclamado rei da Itália em 17 de março de 1861, e Roma declarada formalmente capital: o que aconteceria de fato, em 1871, com a transferência para lá da corte e do governo, que se haviam estabelecido em Florença, capital provisória no período 1865-1871. Contudo, a Santa Sé não aceitou este fato e não reconheceu a lei das garantias de 13 de maio de 1871 e, proibiu, em 1874, os católicos italianos de participarem das eleições parlamentares de um Estado, segundo eles, “usurpador”. Não obstante a tentativa de boicote às eleições, a esquerda histórica, constituída por liberais de esquerda, compusera diversos ministérios.³¹

²⁸ Camillo Benso di Cavour (1810-1861), militar, deputado no parlamento subalpino, ministro, presidente do Conselho. Em 1860 assumiu o total controle da diplomacia Garibaldi, que contribuiu com anexações e plebiscitos posteriores, que lhe permitiram prevalecer seu ponto de vista – unificação, mas monarquista – e de atuar na transformação jurídica do Reino da Sardenha no Reino da Itália, proclamando Vítor Emanuel II rei da Itália em 1861. Em seguida, lançou as premissas de uma ação voltada a sanar as relações entre Estado e Igreja, mas morreu antes de realizá-las. Inspirado pelo espírito liberal, Cavour foi uma das figuras mais proeminentes do *Risorgimento*, entre os poucos homens italianos do século XIX de repercussão europeia. Cf. <http://www.treccani.it/enciclopedia/camillo-benso-conte-di-cavour/>. Acessado em 18.01.2014.

²⁹ Urbano Rattazzi (1808-1873), advogado, deputado no parlamento subalpino, ministro da educação e por duas vezes presidente do conselho de ministros do Reino da Itália. Juntou-se a Camilo Benso di Cavour na formação do *Connubio*, ligando esquerda e direita. Apresentou várias leis anticlericais, entre elas a que estabelecia a secularização dos mosteiros contemplativos. Trabalhou muito na reforma do judiciário, na mudança do código de procedimentos penais, sobretudo no código em vigor na Sardenha. Tal reforma, possivelmente, teve participação Dom Bosco, pois a grande modificação no código de 1839 para o de 1859 diz respeito às penas aplicadas a menores. O código de 1859, assinado por Rattazzi prevê possibilidades correccionais mais adequadas e conforme a idade e a gravidade do delito. Cf. Luiz A. H. de Oliveira DAMAS, **A Preventividade na Educação Salesiana: Gênese e Desenvolvimento até sua consolidação no Ensino Superior**, p. 36.

³⁰ Cf. P. BRAIDO, **Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco**, p. 20.

³¹ A lei das garantias legitimava a ocupação de Roma realizada pelo Estado italiano e regulamentava as relações com a Santa Sé, que nunca a reconheceu. Cf. *Ibid.*, p. 20.

1.3.2. Das transformações religiosas

As mudanças trazidas pelo processo de unificação da Itália foram sentidas no campo religioso, especialmente, quanto à ruptura da aliança outrora acentuada entre o trono e o altar. Tal acontecimento deveu-se às medidas políticas consideradas vexatórias, que resultaram em larga escala, a incapacidade de respeitar operativamente as necessárias distinções entre a esfera do religioso e a do político, consumadas pela automarginalização política da Igreja a partir da vinculação da ideia de um Estado usurpador.³²

Não obstante as medidas persecutórias durante os períodos napoleônico e revolucionário, a Igreja sempre procurou reconquistar cristãmente a sociedade, isto é, abria-se a forte atividade evangelizadora em outras nações, a fim de manter-se em outros territórios de forma influente, o que parecera enfraquecido na região do Lácio. Vários papas se dedicaram a esta tarefa: Pio VI, durante o período revolucionário; Pio VII, no período napoleônico; Leão XII, no período de 1823 a 1829; Pio VIII, de 1829 a 1830; Gregório XVI, de 1831 a 1846; Pio IX, de 1846 a 1878 e Leão XIII, de 1878 a 1903. Segundo Pietro Braido, “(...) a Igreja Católica apresenta sinais evidentes de retomada, de aprofundamento e reforço das próprias estruturas (...). Instauram-se relações mais amplas com as várias nações mediante concordatas”.³³

Em 1824, Leão XII fez a primeira reorganização dos estudos universitários para um revigoramento cultural do clero, que seria terminada e aperfeiçoada por seu sucessor Leão XIII. Sob o pontificado deste houve a intensificação do catolicismo social, mais expressivo na Alemanha e Bélgica. Acrescente-se a esse período a proliferação de congregações religiosas tanto femininas quanto masculinas que tinham finalidades caritativas, assistenciais, educativas e missionárias.³⁴

O Piemonte não ficou alheio à complexa problemática religiosa católica italiana. Antes, por sua particular posição política, por seu nível cultural e econômico

³² Cf. Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia econômica e sociale (1815-1870)*. Roma: LAS, 1980, p. 11-13.

³³ *Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco*, p. 21.

³⁴ Cf. Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Vol. 1. Roma: LAS, 1979, p. 76-79.

e pela riqueza de suas obras de caridade, serviu muitas vezes de modelo para outras regiões.

Destacam-se dois arcebispos que influenciaram a Igreja de Turim: Colombano Chiaveroti (1818-1831) e Luigi Fransoni (1832-1862), expulso do Reino Sardo em 1850, morreu em Lyon em 1862.

Dom Chiaveroti distingue-se pelo intenso trabalho pastoral, numa diocese provada pelo período revolucionário e napoleônico. Ele reabre o seminário de Bra para os estudantes de filosofia (...) e na casa dos Filippinos, em Chieri, abre uma sucursal do seminário filosófico-teológico de Turim (1829). Nesse seminário estudará Dom Bosco, no sexênio 1835-1841.

Mais decisivo na história da Igreja de Tuim e da Itália foi o governo de dom Fransoni. Ele se dedica, antes de tudo, ao cuidado do clero (...). Com a Restauração, a Igreja do Reino da Sardenha tinha recuperado os direitos e os privilégios do *ancien régime*, em virtude de uma legislação fortemente confessional de conotação jurisdicista. A censura eclesiástica é forte e o sistema escolar é de inspiração clerical (...). Predominam tendências conservadoras, muitas vezes até reacionárias.

São consideradas suspeitas instituições e inovações inspiradas no liberalismo, no protestantismo, no espírito revolucionário (...). A situação se agrava irremediavelmente a partir de 1847, com as primeiras reformas e com a demissão, da parte de Carlos Alberto, do reacionário conde Solaro della Margherita, com o redimensionamento da censura, com a liberdade de imprensa e de culto, com a abolição do direito de asilo e do foro eclesiástico. A partir de então, a história religiosa do Piemonte e os conflitos que a caracterizam entrelaçam-se sempre mais com a história da Itália, dando lugar a repercussões sempre mais vastas.³⁵

Diante da situação em que a igreja italiana, especialmente a do Piemonte, se encontrava, em 1849 bispos do Piemonte, Ivrea e Mondovì se reuniram em Villanovetta a fim de discutirem ações comuns que fizessem frente à nova situação política e religiosa que se apresentava. Na reunião foi examinado o problema da imprensa e procuraram elaborar um projeto de associação para a imprensa e difusão dos melhores escritos eclesiásticos.³⁶

³⁵ Pietro BRAIDO, **Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco**, p. 23-24.

³⁶ Cf. *Ibid.*, p. 24. Alberto CAVIGLIA, **Dom Bosco: uma visão histórica**. Trad. Antônio da Silva Ferreira. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1987, p. 12.

1.3.3. Das transformações socioeconômicas

No período da unificação a Itália apresentou um mapa econômico e social heterogêneo em suas regiões. O número de habitantes em constante imigração provocou verdadeiros acúmulos populacionais e sérios problemas de ordem social. No início do século XIX a Itália contava com 18 milhões de habitantes; em 1850 esse número já passava de 24 milhões; e, no final do século alcançou a cifra de 34 milhões. A economia durante o período da unificação era predominantemente agrícola e artesanal, somente no final do século haveria sinais da primeira industrialização. As heranças administrativas do período napoleônico somadas às atividades econômicas e às rotas de imigração provocaram disparidades marcantes entre regiões, especialmente entre Norte e Sul. Contudo, a pobreza estava presente em toda a parte, salvaguardada as devidas proporções.³⁷

Turim, especialmente o Piemonte tornou-se em 1848³⁸ um dos centros mais desenvolvidos da Itália com notável expansão demográfica, econômica e idílica. Tal crescimento destituído de planejamento causou não só consequências sociopolíticas, mas também econômicas, tais como: escassez de alimentos tanto nas montanhas e nos campos; aumento das fábricas na cidade – especialmente fábricas de tecidos, arsenal, moinhos, de alimentos, de armas, de fumo, de carruagens e carroças; aumento da burocracia e do emprego; expansão da construção civil e outros postos de trabalho; melhora no sistema de transporte – no Piemonte em 1858 havia 935 quilômetros de ferrovias, enquanto que no Reino de Nápoles havia apenas 100 quilômetros e 17 quilômetros no Estado Pontifício).³⁹

O desenvolvimento piemontês deu-se à custa de um esvaziamento da zona rural e um aglomerado populacional desmensurado nas cidades, que não podiam usufruir do desenvolvimento. Instauraram-se assim graves problemas sociais.

É notável o crescimento da população na capital subalpina nos anos de 1814-1848 – cerca de 62% –, graças sobretudo à

³⁷ Cf. Lucy RIALI, **The Italian Risorgimento: State, Society and National Unification**. London: Routledge, 1994, p. 28-60; Cf. Giorgio MORI, **L'industrializzazione in Italia (1861-1900)**. 2ª Ed. Bologna: Il Mulino, 1981, 509 p.

³⁸ “A população da cidade [Piemonte - Turim] se torna cinco vezes maior, passando de 65 mil habitantes em 1808 a 320 mil em 1891, com um ritmo de crescimento particularmente rápido entre 1835 e 1864 (de 117 mil a 218 mil) e especialmente de 1848 a 1864 (de 137 mil a 218 mil)”. Pietro BRAIDO, **Prevenir e não reprimir**, p. 25 *apud* Pietro BARICCO, **Torino descritta**. Turim: Tip. Di G. B. Paravia e Com., 1869, 972 p.

³⁹ Cf. Pietro STELLA, **Don Bosco nella storia econômica e sociale (1815-1870)**, p. 11-28. Retratou a situação de carestia e de dificuldade de famílias que sobreviviam do campo.

imigração, com 35% desse crescimento, sem diferenças entre homens e mulheres. Não se tratava de mão-de-obra qualificada, mas de adidos temporários à construção civil ou aos transportes, artesãos, vendedores ambulantes, domésticos, massas de camponeses expulsos da miséria dos campos e dos salários de fome, entregues em grande parte à mendicância. Essa é, na cidade, justamente a mais vistosa protagonista do mal-estar social, particularmente nos arrebaldes Pó e Dora (...). Degenerava-se não raramente nos furtos, nas agressões e na prostituição, também de menores. Àqueles que caíam nas mãos das autoridades abriam-se ‘os lugares de piedade e do castigo’, os asilos de mortalidade elevada e prisões.⁴⁰

1.3.4. Das transformações culturais e educativas

O primeiro decênio do século XIX foi marcado por um período de estagnação no campo educativo. Contudo, este quadro mudaria após 1830 por meio de um gradual interesse pela cultura e pela escola popular.

Teorias educacionais floresceram na primeira metade do século XIX, tais como “(...) o movimento romântico com Fröbel, Pestalozzi, Girard e outros; aparece a escola realista de Herbart; cresce o espiritualismo; mais tarde, a pedagogia e a didática positivista”.⁴¹

Na organização escolar, especialmente após o reacionário “Regulamento” de Carlos Félix de 1822, nota-se uma primeira e decidida ruptura com o passado, provocada, em 1848, pela lei Bon Compagni, que consagra certo monopólio estatal resolvendo a situação anterior, concentrando a instrução pública nas mãos do secretário de Estado para a Instrução Pública.⁴²

O sistema escolar do Reino da Itália herdava aquele instaurado no Reino Sardo devido a sucessivas reformas (...) introduzidas no Estado sabaudo pelas leis de Carlo Bon Compagni, de 4 de outubro de 1848, de Giovanni Lanza, de 22 de junho de 1857, e de Gabrio Casati, de 13 de novembro de 1859. A consciência do valor social e político da instrução tinha levado a advogar o sistema escolar à direta gestão do Estado. (...) a lei apresentada por Bon Compagni sancionava o controle do ministério sobre as escolas de todas as ordens e graus e, admitindo a faculdade de privados, associações e entidades

⁴⁰ Pietro BRAIDO, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade*, p. 33.

⁴¹ IDEM, *Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco*, p. 26.

⁴² Cf. Vincenzo SINISTREO, “La legge Bon Compagni del 4 ottobre 1848 e la libertà della scuola”, *Salesianum* 10 (1948), p. 369-423.

criarem suas escolas, obrigava-as à conformidade de endereçamentos, programas, organização didática com as geridas pelo Estado, em perspectiva virtual da unidade lingüística e cultural da Itália. Eram previstas pelo projeto de lei de 1854, não considerado, do ministro Luigi Cibrario, 'relações equilibradas de força entre centro e periferia, público e privado'. Entretanto, 'uma progressiva centralização na direção e no controle da instrução pública, com o conseqüente reforço da autoridade ministerial', era prevista pelo projeto de lei sobre o 'Reordenamento da administração superior e da instrução pública', apresentado por Giovanni Lanza em 23 de novembro de 1855, convertido em lei depois de um processo disputado, em 22 de junho de 1857. 'Dele deriva uma estrutura administrativa hierárquica e verticalista', 'os funcionários do ministério estendiam a própria jurisdição também às escolas privadas', aos 'Seminários e Colégios episcopais, sob pena de não haver admissão de seus alunos aos exames e cursos junto às escolas estatais'; a instrução religiosa também era excluída dos programas das escolas secundárias, e dada nos colégios somente aos domingos e dias festivos.⁴³

Em 13 de novembro de 1859 houve uma reordenação geral da Instrução Pública feita a partir da lei Casati. O Poder Executivo pôs limites sempre mais rigorosos às escolas particulares.

(...) era aprovada com decreto régio de 13 de novembro de 1859 uma nova lei apresentada pelo ministro Gabrio Casati. 'O papel sempre mais incisivo da escola na formação do cidadão italiano' levava a 'reforçar o controle do Estado na ordem administrativa da instrução pública' (...). Sem dúvida, a lei introduzia uma grande novidade em relação à legislação subalpina anterior; algumas disposições garantiam 'a aplicação gradual do princípio da liberdade de ensino', 'concebido em termos de concorrência entre escola pública e escola privada'.

O dirigismo dos ambientes culturais e políticos piemonteses, a orientação prevalente na estrutura governativa, nas relações conflitantes entre Estado e Igreja levavam à interpretação restritiva do art. 3º da lei, que definia os poderes do ministro da instrução pública: 'Governa o ensino público em todos os ramos', 'supervisiona o privado para tutela da moral, da higiene, das instituições do Estado e da ordem pública'.⁴⁴

Finalmente, a Lei Casati foi chamada a promover a refundação unitária radical da Itália, além da ação educativa voltada a infundir nas massas um espírito nacional

⁴³ Pietro BRAIDO, **Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade**, p. 54.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 54-55.

comum, mas ela acabou realizando em medida e com resultados não particularmente brilhantes.⁴⁵

* * *

⁴⁵ Cf. Pietro BRAIDO, **Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade**, p. 56.

Capítulo II

A Política do Pai nosso

como método de articulação social de Dom Bosco

Minha política, Santidade, é a política do Pai nosso.
(D. Bosco)

O capítulo anterior traçou considerações a respeito do contexto histórico da Itália no tempo de Dom Bosco, especialmente, quanto às transformações políticas, religiosas, socioeconômicas, culturais e educativas que influenciaram a escolha e a ação educativa do padre piemontês.

O jovem padre italiano iniciou suas atividades sacerdotais em uma região marcada pela migração populacional marcada pela miséria e com todos os problemas sociais e educativos decorrentes do processo de unificação, bem como, por leis extremamente rígidas que regulavam a sociedade, a educação e a religião fruto da Revolução Liberal.

Chieri era uma pequena cidade do interior do Piemonte, mais ligada ao ambiente rural. Turim, capital desta região, embora não chegasse aos 200 mil habitantes, era o centro civilizatório e começava a se ressentir do incipiente fenômeno do urbanismo. Criavam-se novos bairros, expandia-se o mercado de trabalho. Muitos eram os que migravam, vindos das províncias do Reino, da Lombardia e de outras regiões da Itália. Entre eles os jovens limpadores de chaminés e os que trabalhavam na construção civil; os outros, que não conseguiam trabalho, ou morriam ou delinquiavam e acabavam nas prisões.

Este contexto foi determinante para a escolha apostólica, educativa e social de Dom Bosco. Logo percebeu que isoladamente nada poderia fazer àquela população juvenil miserável, analfabeta e abandonada. Ele precisava criar um modo de articular a sociedade civil e Igreja a fim de reconstruir a tessitura social rompida pelas revoluções e pelos processos de unificação italiana. Como empreender tal intento sem se indispor com as altas cúpulas dos poderes público e eclesiástico? E como fazê-los participar na reconstrução do futuro italiano presente nestes jovens

que, muito provavelmente, se perderiam ao longo do caminho? Para estes objetivos, ele criou a “política do Pai nosso”.

Este capítulo abordará as duas temáticas supracitadas, dividindo-as em duas partes: a primeira parte tratará da escolha laboral e dos destinatários; a segunda parte versará a respeito de sua ação política com o escopo de articular sociedade civil e religiosa para seu intento filantrópico.

2.1. Da Escolha dos destinatários

2.1.1. Em Castelnuovo

Após a ordenação sacerdotal era costume que os padres buscassem um trabalho remunerado, como ajudantes em uma paróquia rural ou como capelães. Era usual que assumissem trabalhos como professores, tutores de crianças de famílias ricas. Alguns, quando tinham meios suficientes, preferiam viver por conta própria. Na época da Restauração havia excesso de padres e os bispos davam grande liberdade para a escolha de um trabalho fora da paróquia.⁴⁶

Dom Bosco aceitou, provisoriamente, o convite para ser ajudante temporário do Padre Cinzano em uma paróquia em Castelnuovo. Nos cinco meses que lá ficou desenvolveu seus compromissos ministeriais, tais como: pregação aos domingos, visita aos doentes, funerais e mesmo assim encontrou tempo para sua atividade favorita, reunir os meninos do lugar.

Naquele ano (1841), como meu pároco não tinha coadjutor, desempenhei esse cargo por cinco meses. Experimentava o maior prazer do mundo no trabalho. Pregava aos domingos, visitava os doentes, administrava-lhes os santos sacramentos, com exceção da Penitência, porque não havia ainda prestado o exame da confissão. Acompanhava os enterros, mantinha em dia os livros paroquiais, dava atestados de pobreza ou de outro gênero.⁴⁷

Neste mesmo período, desenvolveram-se os traços embrionários de sua futura missão junto a crianças, adolescentes e jovens.

⁴⁶ Cf. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 1: Origem: Dos Becchi a Valdocco (1815-1849). Brasília: Editora Dom Bosco, 2012, p. 316.

⁴⁷ São João BOSCO, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855**. Trad. Fausto Santa Catarina. Ed. rev. e ampl., aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012, p. 113.

Minha delícia, contudo era ensinar catecismo aos meninos, entreter-me com eles, falar com eles. Vinham muitas vezes de Murialdo para visitar-se; quando ia em casa, estava sempre rodeado deles. Eles também começavam a fazer novos companheiros e amigos nos seus povoados. Saindo da casa paroquial estava sempre acompanhado de um bando de meninos e aonde quer que fosse rodeavam-me os meus amiguinhos, contentes como o quê.⁴⁸

2.1.2. O Colégio Eclesiástico

Dom Bosco apresentou desenvoltura apostólica singular em Castelnuovo. Edificado pela atitude do jovem padre, seu pároco, padre Cinzano, fez algumas consultas a fim de encontrar alguma nomeação permanente ou algum outro emprego remunerado. Antes, porém, deveria solicitar o consentimento do arcebispo, que seria fácil de obter. Foram recebidas três ofertas: a primeira proposta como tutor na casa de um senhor genovês, o que comportava o excelente salário de mil francos por ano; a segunda proposta como capelão de Murialdo, cargo também muito lucrativo⁴⁹; e a terceira proposta como seu coadjutor em Castelnuovo.⁵⁰

Dom Bosco considerou estas possibilidades e, como de costume, quis consultar seu diretor espiritual, padre Cafasso⁵¹, que era o principal professor de teologia moral e reitor no Colégio Eclesiástico, para melhor decidir.

(...) fui a Turim para aconselhar-me com o padre Cafasso, que se tornara desde alguns anos meu guia nas coisas espirituais e temporais. O santo sacerdote ouviu tudo, as ofertas de remuneração, a insistência de parentes e amigos, meu grande desejo de trabalhar. Sem hesitar um instante dirigiu-me estas palavras: - 'o senhor tem necessidade de estudar moral e

⁴⁸ São João Bosco, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855**, p. 113.

⁴⁹ "(...) Dom Bosco afirma que o povo de Murialdo estava disposto a dobrar o salário do capelão. A capela de São Pedro em Murialdo fora dotada recentemente pelo senhor Espírito Sartoris, proprietário local que vivia em Turim, de um benefício que garantia ao capelão um salário de 800 liras". Pietro STELLA, **Don Bosco nella storia econômica e sociale**. Roma: LAS, 1998, p. 34-35.

⁵⁰ "A oferta do padre Cinzano, sinal de sua elevada estima, era, por si mesma, a mais atrativa das três, pois impulsionava a 'carreira' de Dom Bosco". Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 1: Origem: Dos Becchi a Valdocco (1815-1849), p. 317.

⁵¹ "José Cafasso nasce em Castelnuovo d'Asti em 1811. Filho de pequenos proprietários de terras. É o terceiro de quatro filhos. Faz seus estudos teológicos no seminário de Chieri e, em 1833, é ordenado presbítero. Quatro meses depois se estabelece no Internato Eclesiástico para aperfeiçoar a sua formação sacerdotal e pastoral. Ali ficará por toda a vida, tornando-se seu Reitor. O ensino é cuidado com grande atenção e tem em vista formar bons confessores e hábeis pregadores.

Cafasso, seu diretor espiritual de 1841 a 1860, contribuiu para formar e encaminhar a personalidade e a espiritualidade de Dom Bosco. Sempre atento às necessidades dos últimos, visitava e apoiava também economicamente os mais pobres, levando-lhes a consolação que derivava do seu ministério sacerdotal. O seu apostolado consistia também no acompanhamento espiritual dos encarcerados e dos condenados à morte, a ponto de ser definido o padre dos encarcerados.

O Padre Cafasso sustentou também materialmente Dom Bosco e a Congregação Salesiana desde suas origens. Depois de uma breve doença morreu com apenas 49 anos no dia 23 de junho de 1860".

Fonte: <http://www.sdb.org/index.php?linguaneletter=5&ids=12&sott=17&detsot=7&ty=2>. Acessado em: 12.04.2014.

pregação. Recuse por ora qualquer proposta e venha ao Colégio Eclesiástico'. Segui prazerosamente o sábio conselho, e a 3 de novembro de 1841 entrei para o referido Colégio.⁵²

Além da formação dos padres em teologia moral, o objetivo intentado pelo Colégio Eclesiástico era o de possibilitar aos sacerdotes arrostarem as novas situações vividas pelo povo. Turim apresentava graves problemas sociais e econômicos surgidos da migração massiva de camponeses e da industrialização incipiente: a questão dos jovens em situação de risco – os pobres e abandonados – a miséria em forma nova e virulenta e, como consequência, a delinquência.

A situação sócio-econômica (*sic*) (...) de Turim estava condicionada pelo desenvolvimento industrial da região e capital.

O primeiro reflexo das mudanças mais profundas de caráter estrutural nos campos econômico e social verificou-se no aspecto demográfico. (...) Em 1838, Turim possuía 117.072 habitantes. Vinte anos depois, em 1858, sua população aumentou para 179.635. Em 1861, Turim contava já com 204.715 habitantes. Observou-se, assim, um aumento de, aproximadamente, 17% no pequeno espaço de 3 anos. Esse incremento populacional deveu-se principalmente ao movimento migratório (...). [Este] se verificava em todas as cidades do Piemonte, mas Turim era o centro preferido.

A austeridade e a miséria eram as características comuns. Horários excessivos de trabalho, ausência de segurança, salários de fome, falta de relações contratuais garantidas por uma legislação trabalhista séria e a exploração da mão-de-obra feminina e infantil completavam o quadro.

Os subsídios da assistência social para operários feridos ou enfermos, as pensões para viúvas e filhos menores de 10 anos (...) e para aposentadoria, eram praticamente insignificantes. (...) O liberalismo em matéria econômica suprimia as associações de trabalhadores e as antigas corporações: o operário ficava, assim, isolado e sem meios de defesa. Os políticos da época permaneciam indiferentes à questão social: estavam empenhados nos problemas de Independência e de unidade nacional.

Esses elementos esboçam a situação concreta em que se movia a juventude operária (...) de Turim nos meados do século XIX. Dom Bosco começou a trabalhar entre os jovens migrantes, semi-analfabetos (*sic*), à procura de trabalho que,

⁵² São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, p. 116-117.

por sua ignorância e miséria, com extrema facilidade eram vítimas da exploração, do vício e da delinquência (*sic*).⁵³

Foi confiado a alguns padres do Colégio o ministério das prisões superlotadas da cidade.⁵⁴ Esse ministério era da responsabilidade dos párocos locais em cujos territórios estavam os estabelecimentos penitenciários. A Companhia da Misericórdia foi fundada com a finalidade, entre outras, de dar atenção espiritual aos internos nessas prisões. Esse trabalho pastoral dava-lhes uma visão exata da magnitude do problema social, especialmente em relação aos jovens.

Dom Bosco associou sua vocação sacerdotal à atividade pastoral que iniciou no Colégio. O contato pastoral, especialmente com os jovens, cristalizou definitivamente a sua orientação apostólica. Ao acompanhar o padre Cafasso, percorriam ruas, praças, tavernas, hospitais. Por toda parte percebia a situação de miséria e pobreza da juventude turinês. A que mais o marcou foi a experiência com os encarcerados.

Dom Bosco registra em suas Memórias do Oratório a dolorosa degradação dos jovens nas prisões da cidade, situação que motivará sua decisão de dedicar-se aos jovens.

Começou primeiro por levar-me às prisões, onde pude logo verificar como é grande a malícia e a miséria dos homens. Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos eles são, robustos, e de vivo engenho, mas sem nada fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me horrorizou. O opróbrio da pátria, a desonra das famílias, a infâmia aos próprios olhos personificavam-se naqueles infelizes. Qual não foi, porém, minha admiração e surpresa quando percebi que muitos deles saíam com firme propósito de vida melhor e, não obstante, voltavam logo à prisão, da qual haviam saído poucos dias antes.

Nessas ocasiões descobri que muitos voltavam àquele lugar porque abandonados a si próprios. ‘Quem sabe – dizia de mim para mim –, se tivessem lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instruisse na religião nos dias festivos,

⁵³ Tarcísio SCARAMUSSA, **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984, p. 22-24. Cf. Giulio MATTAI, “Don Bosco e la questione operaria”. *Salesianum*, Roma, v. 10, n. 3, p. 358-368, lugl./sett. 1948.

⁵⁴ “Cinco eram os cárceres existentes em Turim: o cárcere do Magistrado de apelo, vulgarmente chamado de Senado; a casa correccional; o cárcere do antigo vicariato, no palácio das Torres; aqueles a serviço da questura para os homens; o cárcere chamado das forçadas para as mulheres. Dom Bosco ia ao cárcere do Senado e à casa correccional. Em 1845 foi inaugurada a prisão mais moderna chamada de *La Generala*, só para jovens.” São João Bosco, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855**, nota 157, p.120.

quem sabe não se poderiam manter afastados da ruína ou pelo menos não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere?⁵⁵

Outra iniciativa dos dirigentes do Colégio Eclesiástico foi a de reunirem na igreja de São Francisco de Assis os jovens que vagavam pelas ruas da cidade, para a instrução religiosa e outras atividades. Algo similar foi criado em favor dos limpadores de chaminés vindo do Vale d'Aosta.⁵⁶ Esses meninos eram trazidos da montanha para temporadas na cidade a fim de se encarregarem da limpeza das chaminés de novembro a maio. Deviam ser reunidos, alimentados e instruídos por alguém que entendesse e falasse o *patoá* (dialeto do Vale d'Aosta).⁵⁷

(...) a religião penetrava a vida pública; floresciam as obras de beneficência, fundadas por decreto real e contando com aprovação e subvenções oficiais.

Os jovens que iam a Turim em busca de trabalho, nos meados do século XIX, procediam de uma civilização agrícola e rural. Nesse ambiente, o costume impunha as observâncias religiosas aos membros do grupo, determinando uma sociedade monolítica em suas crenças, fiel às tradições e devoções, fortemente enraizada no passado e no folclore de suas práticas devotas.

Essa religiosidade popular, no caso particular da massa de operários migrados, entrava em crise ao tomar contato com a nova realidade da vida da cidade. Desenraizados de seu meio rural, limitados pelo analfabetismo, e dominados pelo ritmo esgotador do trabalho e pelas explorações de todo tipo, não conseguiam estabelecer uma nova síntese religiosa.⁵⁸

Tais experiências sedimentaram, em Dom Bosco, a convicção de trabalhar em favor da juventude pobre e abandonada. Procurou alguma forma de atuação adequada aos seus destinatários: os Oratórios.

Logo que iniciara tal atividade Dom Bosco viu-se cercado por um bando de jovens que o acompanhavam em ruas e praças, até mesmo na sacristia da igreja do

⁵⁵ São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, p. 120-121.

⁵⁶ Cf. Giovanni Battista LEMOYNE, *Memorie del venerabile Servo di Dio, Don Giovanni Bosco (1847-1850)*. Vol. III. Torino: S. Benigno Canavese, 1903, p. 173.

⁵⁷ Cf. Arthur J. LENTI, *Dom Bosco: História e Carisma*, Vol. 1, p. 346-347.

⁵⁸ Tarcísio SCARAMUSSA, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*, p. 28.

instituto.⁵⁹ Entretanto, não tinha um lugar para reuni-los. E acrescentava: “Um feliz encontro proporcionou-me a oportunidade de tentar a concretização do projeto em favor dos meninos (*sic*) que erravam pelas ruas da cidade, sobretudo dos que deixavam as prisões”.⁶⁰

O ‘feliz encontro’ refere-se àquele com o jovem Bartolomeu Garelli, que vagava pela sacristia da igreja no dia 8 de dezembro de 1841, enquanto Dom Bosco se preparava para a Missa. Bartolomeu suscitou a ira do sacristão, porque não sabia servir à Missa; Dom Bosco foi em seu auxílio e, depois da Missa, fez-lhe a primeira catequese. O fato termina com as palavras: ‘A esse primeiro aluno juntaram-se outros mais’, e acrescenta: ‘Limitei-me a alguns adultos que tinham necessidade de catequese especial, sobretudo aos que saíam da cadeia (...)’. Essa é a origem do nosso Oratório’.⁶¹

João Bosco, nos primeiros anos de vida sacerdotal, seguiu fielmente os conselhos do padre Cafasso.

O padre Cafasso, meu guia havia seis anos, foi também meu diretor espiritual, e se fiz algum bem, devo-o a este digno eclesiástico, em cujas mãos coloquei minhas decisões, estudos e atividades.⁶²

O período vivido no Colégio eclesiástico ofereceu a Dom Bosco oportunidades positivas de estudo e de meditação, sobretudo, de uma iniciação adequada ao ministério pastoral. Entregou-se às pregações, às confissões, aos cursos de religião. Mas, sentiu-se, ao mesmo tempo, impelido a trabalhar com a juventude.

Ao terminar o tempo de sua permanência no Colégio, o padre Cafasso propôs a Dom Bosco três trabalhos: vice-pároco em Buttigliera d’Asti, como professor adjunto de Moral no Colégio, diretor do Pequeno Hospital, ao lado do Refúgio. Dessa forma, renunciaria ao Oratório e aos jovens. Eram boas propostas, mas excludentes.

⁵⁹ Cf. São João BOSCO, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855**, p. 122.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 122.

⁶¹ Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**, p. 357.

⁶² *Op. cit.*, p. 120.

O trabalho com os jovens absorvia-o cada vez mais.⁶³ João Bosco sempre seguiu fielmente os conselhos do padre Cafasso, que resolveu enviá-lo como capelão do Pequeno Hospital da marquesa Barolo, ainda em construção, e como associado ao teólogo Borel no Refúgio Barolo ou Casa de Nossa Senhora, Refúgio dos pecadores.⁶⁴

2.1.3. O Refúgio da marquesa Barolo

A marquesa Julieta Colbert, viúva Falletti de Barolo, havia fundado ao redor do chamado Refúgio, no bairro de Valdocco, um grupo de instituições. O Refúgio era um colégio para meninas pobres que se prostituíram ou filhas de meretrizes, que arrependidas, procuravam outro caminho para sua subsistência. Aprendiam a ler, escrever, contar, bordar e outros serviços.⁶⁵

Dom Bosco foi enviado para dirigir o Pequeno Hospital de Santa Filomena, em construção, anexo do Refúgio. Ocupava seu tempo pregando, confessando e ensinando, neste lugar, mais de quatrocentas jovens. No atendimento às meninas do Refúgio, ele logo introduziu algumas novidades: cuidou melhor do canto, introduziu o ensino da aritmética, pois antes só aprendiam a ler e escrever. Ganhou o coração de todas.⁶⁶

Não obstante estes empenhos, ele temia pela continuidade do Oratório que funcionava na igreja de São Francisco de Sales. Fez, então, uma condição à marquesa, de que pudesse levar para lá também, aos domingos e feriados, “seus” jovens. A marquesa concordou. Foi-lhe estabelecida a paga de seiscentos francos anuais.⁶⁷

O Pequeno Hospital não seria aberto até agosto de 1845. A marquesa aceitou que transformassem em capela, temporariamente para uso dos meninos, dois amplos aposentos destinados à sala de estar quando houvesse mais sacerdotes no

⁶³ Cf. São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, p. 131.

⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 131-132.

⁶⁵ Cf. *Ibid.*, nota 177, p. 131.

⁶⁶ Cf. *Ibid.*, nota 179, p. 132.

⁶⁷ Cf. *Ibid.*, nota 180, p. 132.

Refúgio.⁶⁸ Dessa forma, Dom Bosco transferiu o Oratório da igreja de São Francisco para o Refúgio. Os dois ambientes converteram-se em capela (a “primeira igreja do Oratório”) em 8 de dezembro de 1844; e continuaria a ser usado até 18 de maio de 1845.⁶⁹

A inauguração do Pequeno Hospital estava prevista para 10 de agosto de 1845, Dom Bosco precisou buscar outro local para o Oratório. A marquesa pressionou-o para que o fizesse o quanto antes, por causa do tumulto e confusão causados pelos jovens, cujo número aumentava a cada dia.⁷⁰ Dom Bosco pediu demissão para ficar com “seus” meninos. Embora não trabalhasse mais para a marquesa, não deixou, porém, de colaborar com ela no Refúgio, nem ela de colaborar com ele no Oratório. Quando preciso, Dom Bosco se prestava para pregação e confissões. Por sua vez, a marquesa, por meio do Teólogo Borel e do padre Cafasso, continuou a enviar ao Oratório generosas ofertas, muitas vezes anônimas.⁷¹

2.1.4. Da itinerância do Oratório

Esse período itinerante do Oratório revelou dois aspectos importantes a Dom Bosco: primeiro quanto aos problemas, ora de ordem social, pois seus vizinhos temiam-no pela aparente choldra que o acompanhava; ora pelas autoridades políticas, que o viam como um incitador de reacionários, além do anticlericalismo e liberalismos marcantes na Itália do século XIX; o segundo aspecto importante, refere-se ao desenvolvimento de sua pedagogia que, aos poucos, tomava formas cada vez mais consistentes.

2.1.4.1. No cemitério de Santa Cruz (São Pedro *in vincoli*)

Aos 25 de maio de 1845, o Oratório de São Francisco de Sales, nome dado por Dom Bosco, reuniu-se no cemitério da Santa Cruz. Havia uma grande capela, dedicada a São Pedro *in vincoli*, que ainda era atendida por um capelão residente, nomeado pela Prefeitura da cidade.

⁶⁸ Cf. São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, p. 136.

⁶⁹ Cf. Arthur J. LENTI, *Dom Bosco: História e Carisma*, Vol. I, p. 436.

⁷⁰ Cf. *Op. cit.*, p. 138-139.

⁷¹ Cf. Antônio da Silva FERREIRA, *Temas Salesianos 2: A Marquesa Barolo e Dom Bosco*. São Paulo: Inspetoria Salesiana de São Paulo (Circulação Interna), 2009, p. 34.

O Oratório foi obrigado a mudar-se por ordem da Prefeitura, que proibia quaisquer tipos de reunião, motivada provavelmente pelo devido respeito aos mortos e, principalmente, pelas constantes reclamações da faxineira do local.⁷² O capelão interveio no assunto, pedindo providências à Prefeitura. Interrompeu-se por mais de um mês a reunião com os jovens.⁷³

2.1.4.2. Nos moinhos do rio Dora (São Martinho)

A pedido de Dom Bosco, aos 9 de julho de 1845 o teólogo Borel solicitou permissão para usar a capela de São Martinho, anexa aos moinhos no bairro Borgo Dora, situada entre o rio Dora e a grande praça de Porta Palácio. A Prefeitura, com carta de 10 de julho, concedeu a autorização com uso restrito, do meio-dia às três da tarde, para instrução catequética. A manhã era reservada aos serviços religiosos, presididos pelo capelão.⁷⁴

Contudo, a permissão para o uso foi revogada devido às queixas dos vizinhos. O secretário dos moinhos em carta ao prefeito foi seu porta-voz. O Conselho da cidade votou no dia 18 de novembro de 1845 e o cancelamento da concessão se efetivou em 1º de janeiro de 1846.⁷⁵

2.1.4.3. Na casa do padre João Batista Moretta

Com o cancelamento da concessão para o uso da capela de São Martinho, Dom Bosco precisou encontrar um lugar para “seus” jovens. Em março de 1846, veio em auxílio um padre aposentado, João Batista Moretta, que possuía uma grande casa no bairro de Valdocco. Avençaram o aluguel de três quartos por quinze liras mensais.⁷⁶

⁷² “(...) existia ali um terrível inimigo por nós ignorado. Não era nenhum defunto, do que numerosos repousavam nas sepulturas ao lado; era uma pessoa viva, a criada do capelão [Margarida Sussolino]. (...) Quando, ao entardecer, o capelão chegou, a boa criada pôs-se ao lado dele, e chamando Dom Bosco e seus meninos de revolucionários, profanadores dos lugares santos e coisas piores, obrigou o bom amo a escrever uma carta à prefeitura. Fê-lo por ditado da criada, mas com tamanha dureza, que imediatamente foi dada a ordem de prisão a quem quer de nós que por aí aparecesse”. São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, p. 144.

⁷³ Cf. *Ibid.*, p. 143-145.

⁷⁴ Cf. *Ibid.*, p. 142.

⁷⁵ Cf. Arthur J. LENTI, *Dom Bosco: História e Carisma*, Vol. 1, p. 440.

⁷⁶ Cf. *Op. cit.*, p. 146.

Padres e jovens estudantes ajudaram-no com as aulas de catequese dos jovens, que tinham dupla finalidade: ensinar a ler e catequizar. Criaram-se as aulas noturnas. Contavam com mais de 200 jovens, assistiam a missa e outros serviços dominicais em alguma igreja do bairro.⁷⁷

Porém, diante da pressão de alguns arrendatários desgostosos, o padre Moretta não quis renovar o contrato de aluguel.⁷⁸

2.1.4.4. No prado dos irmãos Filippi

Com número crescente, Dom Bosco se viu no início de março sem local para reuni-los. Ao norte da casa Moretta havia um prado cercado, de propriedade dos irmãos Filippi. Alugou-o. Os jovens usavam-no para recreação e também para atividades religiosas, mas deviam recorrer às igrejas fora da cidade para as missas. Sem demora, também os irmãos Filippi rescindiram o contrato devido o comportamento dos jovens que causava graves danos à vegetação e aos vizinhos.⁷⁹

2.1.4.5. Sede definitiva: casa Pinardi

Em meados de março de 1846, Dom Bosco soube da disponibilidade de uma casa pouco distante que possuía um telheiro nas adjacências. Pancrácio Soave intermediou o arrendamento que foi assinado em 1º de abril com a validade de três anos. Aos 12 de abril iniciaram-se as atividades do Oratório. Pouco tempo depois, foram subarrendados outros três quartos do segundo andar da casa.

Em 1851, em decorrência de um assassinato nos locais da vizinha casa Bellezza,⁸⁰ Pinardi pôs à venda para Dom Bosco a casa e a propriedade. Graças à participação do teólogo Borel e dos padres Cafasso e Roberto Murialdo, por vinte e oito mil libras, a casa foi adquirida. A escritura foi lavrada em 19 de fevereiro do mesmo ano. Assim, o Oratório de São Francisco de Sales ficou definitivamente estável com domicílio permanente.⁸¹

⁷⁷ Cf. São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, p. 146.

⁷⁸ Cf. *Ibid.*, p. 149.

⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 149-152.

⁸⁰ Tratava-se de casa de baile e prostituição.

⁸¹ Cf. Arthur J. LENTI, *Dom Bosco: História e Carisma*, Vol.1, p. 505-506.

As dificuldades, no entanto, continuaram:

(...) os arredores da casa Pinardi revelavam as características de uma área moralmente indesejável; os vigários da cidade não viam com bons olhos seu trabalho, porque achavam que Dom Bosco estava tirando sua freguesia; por parte do governo havia suspeitas de atividades políticas clandestinas; havia falta de recursos humanos, pois alguns auxiliares ocasionais e os jovens que preparava para ajudá-lo não eram suficientes. Particularmente crítica para a vida do Oratório foi a crise política de 1848: ‘Durante este ano, os assuntos políticos e o espírito público sofreram uma mudança, cujo desfecho ainda não se pode prever’. Vários colaboradores leigos e eclesiásticos abandonaram-no, porque se recusara a participar com os jovens do Oratório, em manifestações públicas de caráter nacionalista.⁸²

Dom Bosco percebeu que não bastaria seu trabalho assíduo e bem intencionado junto aos jovens, mas precisaria entender seu contexto sociopolítico e “criar” uma estratégia que garantisse a continuidade de sua obra filantrópica, sem que, para isso, lançasse mão de sua crença e formação política. Surge a ideia da “política do Pai nosso”.

2.2. Da “política do Pai nosso”

2.2.1. Da problemática política

Deu-se em 1848 o confronto entre Itália (Piemonte) e Áustria na primeira Guerra da Independência. Os Estados italianos tiveram que enfrentar revoltas populares e a crescente pressão por formas mais livres de governo. Este período ficou conhecido como a Revolução Liberal, marcada pelo “patriotismo” e pelo anticlericalismo.⁸³

Dom Bosco, em 1849, relatou estes acontecimentos:

Foi um ano particularmente memorável. A guerra do Piemonte contra a Áustria, começada no ano anterior, havia abalado toda a Itália. As escolas públicas estavam fechadas; os seminários, especialmente o de Chieri e o de Turim, também haviam fechado e estavam ocupados pelos militares; por conseguinte os clérigos da nossa diocese ficaram sem professores e sem local onde reunir-se.

⁸² Tarcísio SCARAMUSSA, **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação**, p. 50.

⁸³ Cf. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 1, p. 491.

Foi então que, para ter pelo menos a consolação de haver feito o possível para mitigar a calamidade pública, resolvemos alugar toda a casa Pinardi. Os inquilinos ficaram furiosos; ameaçaram-me a mim (...) e ao proprietário. Foi preciso fazer um grande sacrifício pecuniário, mas por fim conseguiu-se que o edifício ficasse inteiramente à nossa disposição.⁸⁴

O liberal José Mazzini fundou a Associação “A Jovem Itália”, uma das forças políticas mais poderosas na Itália do Ressurgimento. Propunha a expulsão dos austríacos e o fim do federalismo. “A Jovem Itália” defendia o republicanismo. A Associação tinha como objetivo educar o povo italiano nesse ideal político, o da unificação nacional, que delegava ao povo escolher a forma específica de governo por meio do sufrágio universal. Este programa político estendeu-se rapidamente pela Itália, especialmente entre os jovens.⁸⁵

A fim de combater o propósito de Mazzini e da Associação “A Jovem Itália”, Dom Bosco teve, então, a ideia de publicar um jornal religioso-político, intitulado *L'Amico della gioventù*, de tendência moderada. Seu objetivo era chegar até a juventude e combater a mistura de religião e política que faziam, quer os anticlericais, quer os católicos intransigentes.⁸⁶

Outros liberais⁸⁷ dos estados regionais italianos tinham ideias diferentes à unificação da Itália, buscando certamente a independência da Itália e um tipo de unidade política, mas não pelos métodos defendidos por Mazzini e “A jovem Itália”. Alguns propunham uma federação de estados regionais sob a liderança do Papa; outros miravam o Piemonte e a Casa de Saboia.⁸⁸

⁸⁴ São João BOSCO, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855**, p. 209.

⁸⁵ Cf. John Arthur Ransome MARRIOT, **Makers of Modern Italy: Mazzini – Cavour – Garibaldi**. London: Macmillan, 1901, 5-12.

⁸⁶ Cf. Pietro STELLA, **Don Bosco nella storia econômica e sociale (1815-1870)**, p. 340-347.

⁸⁷ *Vicente Gioberte* era da corrente dos neoguelfos que postulavam o Papa como líder, que unisse a federação italiana sob sua presidência. *Conde César Balbo* mais prático, com visão política, pensava na Itália unificada como uma federação de estados regionais. *Máximo Taparelli d'Azeglio* era afeito à monarquia parlamentar; pensava que a unificação da Itália não poderia ser obtida sem a cooperação papal. *Papa Pio IX* tinha fama de reformador liberal devido às reformas que instaurara em sua diocese, embora não fosse liberal em sentido político; em seus primeiros anos de pontificado, iniciou reformas importantes porque sentiu a necessidade de consertar erros passados e desejava conseguir que seus domínios fossem administrados de forma honrada e eficiente. As ações do Papa levaram o chanceler austríaco Metternich a tomar medidas preventivas: redobrou a força de ocupação austríaca nas regiões lombardo-vênetas e avisou os estados regionais italianos que não fizessem concessões radicais ou moderadas ao liberalismo, pois todos os liberais eram propensos à Revolução. Cf. John Arthur Ransome MARRIOT, **Makers of Modern Italy: Mazzini – Cavour – Garibaldi**, 64. Cf. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 1, p. 485-489.

⁸⁸ Cf. John Arthur Ransome MARRIOT, **Makers of Modern Italy: Mazzini – Cavour – Garibaldi**, p. 15-25.

O rei Carlos Alberto, forçado pela Revolução Liberal, promulgou a Constituição do Reino da Sardenha. Conhecido por sua religiosidade, definiu como única religião do Estado, a católica. Não obstante esta cláusula confessional, a Constituição de 1848 mudou o antigo regime absolutista pela monarquia constitucional acompanhada de um parlamento liberal. Até esta Constituição, a Igreja do Piemonte gozava de uma posição privilegiada em matéria de educação. As relações entre Estado e Igreja eram regidas pela Concordata de 1741 do Papa Bento XIV.⁸⁹

Com a nova Carta Magna, tornou-se imperioso que o antigo sistema legal do Estado precisasse ser modificado de acordo com o novo diploma monárquico e que essa revisão importaria a negociação de novos acordos com a Igreja.

O primeiro movimento importante nessa direção foi a reforma educacional proposta pelo ministro da Instrução Pública, Carlos Boncompagni. A reforma transferia ao Estado todos os aspectos relacionados à instrução e à vida escolar. A educação era colocada sob o controle geral de um conselho superior, a cujas ordens trabalhavam o conselho para os estudos universitários, o comitê para a educação secundária e o comitê para educação elementar, os três localizados em Turim.⁹⁰

A instrução religiosa também passava ao controle do Estado com a criação do cargo de diretor espiritual, um padre designado pelo ministro da Instrução Pública para supervisionar o ensino religioso nas escolas.⁹¹

As leis da reforma do sistema escolar no Reino da Sardenha foram promulgadas durante a Primeira Guerra da Independência Italiana, em 2 de março de 1848, alguns meses depois do decreto de expulsão dos jesuítas - líderes da reação contra as reformas liberais - que até então controlavam a educação.⁹²

⁸⁹ Cf. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 2: Expansão: De Valdocco a Roma (1850-1875). Brasília: Editora Dom Bosco, 2013, p. 46.

⁹⁰ Cf. Francis DESRAMAUT, **Don Bosco en son temps (1815-1888)**. Torino: Società Editrice Internazionale, 1996, p. 272-273.

⁹¹ Cf. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 2, p. 10.

⁹² Cf. *Ibid.*, p. 10.

Em fins de fevereiro de 1850, o conde Siccardi, ministro da Justiça, apresentou um projeto de lei para abolir os tribunais eclesiásticos, o direito de asilo, a limitação dos dias festivos de preceito (dias santos) e a necessidade da aprovação do Estado para a Igreja adquirir terras.⁹³

Multiplicaram-se os protestos nas ruas e praças da cidade. “Em fins de 1848, os acontecimentos políticos forçaram o Santo Padre Pio IX a fugir de Roma e refugiar-se em Gaeta”.⁹⁴ O arcebispo Dom Frasoni⁹⁵ e boa parte do clero seguiam uma linha de resistência às ideias liberais e ao movimento “patriótico”, iniciaram-se constantes ataques aos jesuítas e ao clero em geral. Dom Bosco foi objeto de vários atentados contra sua vida. As autoridades pouco intervinham para impor ordem.⁹⁶

Dom Bosco amava sinceramente sua pátria, mas por suas relações e, sobretudo, pelas conversas amiudadas vezes mantidas com o arcebispo [Frasoni], via o que outros não viam, isto é, as armas que, sob pretexto de patriotismo, se estavam afiando contra a Igreja. Sua reserva inspira-se, portanto, em razões profundas. De resto, parecia-lhe fazer bastante, recolhendo jovens abandonados para entregá-los à pátria convertidos em bons cidadãos.⁹⁷

Em 1854 foi promulgada a Lei Rattazzi ou “lei dos conventos”, que postulava a abolição de todas as ordens religiosas, exceto aquelas que se dedicavam a pregar, cuidar dos doentes ou ensinar.⁹⁸ Proibia a fundação de qualquer nova ordem, a não ser que houvesse uma permissão especial do Estado.

Dom Bosco precisava criar um modo de subsistir aos ataques que comprometeriam seu trabalho em prol dos jovens abandonados e pobres; para isso precisou articular a sociedade civil e Igreja a fim de reconstruir a tessitura social rompida pelas revoluções liberais e pelos processos de unificação italiana. Como

⁹³ Cf. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 2, p. 11.

⁹⁴ São João BOSCO, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855**, p. 210.

⁹⁵ “(...) o arcebispo Frasoni enviou uma carta pastoral ao clero proibindo-o de obedecer às novas leis. O governo, após fracassar na tentativa de demovê-lo de sua posição, prendeu-o e julgou-o. A corte de apelação condenou-o a um mês de prisão e multa. Os arcebispos de Cagliari e Sassari, na ilha da Sardenha, seguiram o exemplo de Dom Frasoni e sofreram sentenças semelhantes. Pio IX também reagiu com firmeza. Retirou o nuncio de Turim e exigiu a libertação dos arcebispos ‘perseguidos’”. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 2, p. 13.

⁹⁶ Cf. Francis DESRAMAUT, **Don Bosco en son temps (1815-1888)**, p. 268-269.

⁹⁷ Eugenio CERIA, **San Giovanni Bosco: nella vita e nelle opere**. 2ª Ed. Torino: SEI, s/d, p. 98.

⁹⁸ A Lei Rattazzi utilizava como critério para aprovação de futuras ordens religiosas a sua atuação social.

empreender tal intento sem se indispor com as altas cúpulas dos poderes público e eclesiástico? E como fazê-los participar na reconstrução do futuro italiano presente nestes jovens que, muito provavelmente, se perderiam ao longo do caminho? Para estes objetivos, ele criou o termo “política do Pai nosso”.⁹⁹

2.2.2. Da “política do Pai nosso”

Em 1848 Dom Bosco teve o primeiro choque dramático com a política decorrente da outorga da Constituição por Carlos Alberto.¹⁰⁰ E percebeu que para empreender seus objetivos filantrópicos sem que para isso tivesse que se indispor com as altas cúpulas dos poderes público e eclesiástico desenvolveu ao longo do tempo o que chamou de a “política do pai nosso”, com duas versões específicas: uma para as autoridades civis e outra para a eclesiástica. A primeira versão dirigida à sociedade civil consistia em não tomar partido por qualquer das correntes em luta na vida política do país. Resumi-la-á tempos depois ao bispo de Cremona Dom Geremia Bonomelli:

Em 1848 dei-me conta de que, se queria fazer algum bem, tinha que deixar de lado toda política. Guardei-me sempre dela, e assim pude fazer alguma coisa e não encontrei obstáculos; antes, encontrei ajuda onde menos esperava.¹⁰¹

E a segunda versão para o poder eclesiástico tornou-se famosa em janeiro de 1867, por ocasião da audiência com o Papa Pio IX motivada pela delicada questão das nomeações dos Bispos para Itália. As tratativas entre o Governo italiano e a Santa Sé não andavam adiante. Na audiência com o Papa, este perguntou a Dom Bosco com qual política ele sairia daquela situação de impasse. Respondeu-lhe o padre do Oratório:

A minha política – respondeu – é a de Vossa Santatidade. É a política do Pai nosso. No pai nosso pedimos a cada dia que venha sobre a terra o reino do Pai celeste, isto é, que se estenda sempre mais, que se faça sempre mais sentido, mais vivo, sempre mais poderoso e glorioso. *Adveniat regnum tuum!* É o que importa.¹⁰²

⁹⁹ Cf. Introdução deste capítulo na p. 3.

¹⁰⁰ Cf. São João BOSCO, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855**, p. 200-202.

¹⁰¹ Geremia BONOMELLI, **Questioni religiose, morali, social del giorno**. Vol. 1. Milano: Cogliatti, s/d., p. 310. Cf. Terésio Bosco, **Dom Bosco: uma biografia nova**. 6ª Ed. Trad. Hilário Passero. São Paulo: Editora Salesiana, 2002, p. 242.

¹⁰² Cf. Giovanni Battista LEMOYNE, **Memorie Memorie del venerabile Servo di Dio, Don Giovanni Bosco (1865-1867)**. Vol. VIII. Torino: S. Benigno Canavese, 1912, p. 593-594.

Na verdade o que importava era o bem das pessoas, especialmente de “seus jovens”, e o Reino de Deus. E apresentava ao Santo Padre um caminho bem simples para resolver gradualmente diversas questões.

Não obstante estas “convicções”, Dom Bosco nunca esteve ausente da política italiana. Deu-se bem com as autoridades, qualquer que fosse a orientação delas e nunca se recusou a fazer o que lhe era possível para o bem da Igreja e da Pátria.

2.2.3. Das etapas do amadurecimento das articulações políticas

A primeira etapa de amadurecimento foi anterior a 1848. Dom Bosco fez parte de um grupo de sacerdotes e leigos que se orientaram às novas formas de apostolado, em particular ao trabalho nos oratórios. Não deixou de lado a clássica organização da caridade e, no contexto da inquietação preventiva daqueles anos, a atividade dele se manifestou em iniciativas que levaram em consideração as exigências emergentes dos jovens migrantes, limpadores de chaminés, operários da construção civil e dos rapazes advindos das periferias de Turim. Ao mesmo tempo, procurou enxertar gradualmente, no tronco dos valores religiosos e dos valores por eles expressos, as novidades que se seguiram às transformações nos campos civil, econômico e social. Dom Bosco apresentou aos jovens uma proposta de vida capaz de fazer deles *bons cristãos e honestos cidadãos*.¹⁰³

A segunda etapa do amadurecimento foi o decênio posterior a 1848. Passado o entusiasmo por uma confederação italiana presidida pelo Papa, cresceu em Dom Bosco a desconfiança para com a classe política; viu que o Estado percorreu os caminhos da dissidência com a Igreja. Intensificou-se com a crise religiosa na sociedade turinês. Dom Bosco procurou, de forma autônoma, criar instrumentos eficazes de educação popular, capazes de concorrer com as iniciativas tomadas por aqueles que tinham deferentes perspectivas da vida social. A elaboração de contratos de trabalho em favor dos jovens do Oratório e os projetos em favor da

¹⁰³ Cf. Pietro BRAIDO, “Il progetto operativo di Don Bosco e l’utopia della società cristiana”. *Salesianum* 6, Roma, LAS [1982]: p. 7-11; 18-27.

cultura popular com a publicação das “Leituras Católicas” foram exemplos desses instrumentos.¹⁰⁴

E, por fim, a terceira etapa do amadurecimento, deu-se no período da unidade italiana. Acirrou-se o distanciamento entre Estado e Igreja. Houve a anexação de territórios dos Estados Pontifícios, a proclamação da unidade da Itália e a contenda entre o reino e o papado por Roma.¹⁰⁵ Durante este período, Dom Bosco agiu com prudência, mas sem deixar de manifestar seu apoio ao Papa. Estado e Igreja tinham necessidade um do outro para promover o bem do povo. Mesmo que não se conseguisse chegar à solução da “questão romana”, ambos deveriam procurar os pontos de interesse comum para promover o bem de todos. Em primeira pessoa, Dom Bosco pediu e ofereceu colaboração em favor dos jovens pobres e abandonados. E mesmo nos momentos de mais forte tensão entre o Estado e Igreja, ele continuou a propor aos jovens que se tornassem bons cristãos diante da religião e honestos cidadãos diante da sociedade. A partir de 1858, começou a delicada mediação a que foi chamado para as questões que diziam respeito a alguns aspectos particulares das relações entre o Estado e a Igreja, eram as sedes episcopais vacantes.¹⁰⁶

2.2.4. Duas esferas de articulação

Apresentar-se-ão dois exemplos para cada esfera de poder com o escopo de mostrar dois movimentos presentes em cada um deles. Dom Bosco protege sua obra e “seus” jovens das influências desastrosas e ao mesmo tempo serve politicamente ao bem comum. Isto se repetiu tanto com as autoridades civis como para as religiosas.

¹⁰⁴ Cf. Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. 2ª Ed. Roma: LAS, 1979, Vol. I, p. 106-107.

¹⁰⁵ Cf. Idem, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Roma: LAS, 1981, Vol. II, p. 75-96.

¹⁰⁶ Cf. Francesco MOTTO, “L’azione mediatrice di Don Bosco nella questione delle sedi vacante”. In: Pietro BRAIDO, *Don Bosco nella Chiesa*. Roma: LAS, 1987, p. 251-328.

2.2.4.1. Com as autoridades da sociedade civil

2.2.4.1.1. Com o Vigário da Cidade¹⁰⁷

Desde a experiência dos levantes revolucionários no período da Restauração, e com a crescente pressão para a mudança política, era inevitável que as autoridades vissem com suspeição reuniões como as do Oratório. Nas Memórias do Oratório, o vigário da cidade de Turim, marquês Miguel de Cavour, é retratado com dureza, como opositor da obra de Dom Bosco.¹⁰⁸

Com sede definitiva para seu Oratório, Dom Bosco precisou da autorização para abertura e funcionamento, do Vigário da Cidade, o marquês Benso de Cavour.

Em 13 de março de 1846, Dom Bosco escreveu-lhe uma carta expondo a situação do Oratório. Explicou-lhe a natureza e finalidade da obra, dizia que dispunha de um lugar para recolher os jovens e pedia licença para abrir o novo Oratório em Valdocco. O marquês falou com o arcebispo e com o conde José Provana de Collegno, porta voz do rei, e respondeu convocando Dom Bosco para uma audiência no dia 30 de março do mesmo ano.

Deste encontro tem-se o relato de Dom Bosco e a nota de resposta de Cavour, a seu remetente. “Tendo eu falado com o senhor Arcebispo e com o Conde Collegno que sem nenhuma dúvida pode haver vantagem num Catecismo e que receberei de boa vontade o senhor sacerdote Bosco segunda-feira, 30 em meu gabinete às duas da tarde”.¹⁰⁹

Dom Bosco viu em Cavour um firme adversário do Oratório, pois ele acreditou em rumores de que os rapazes que frequentavam o Oratório eram totalmente fiéis ao padre Bosco e que a qualquer momento poderiam desencadear uma revolução. Ambos vêem o problema do jovem pobre e abandonado sob óticas diferentes. Para Cavour, os rapazes eram canalhas e vagabundos, que só causavam aborrecimento

¹⁰⁷ “O Vigário da cidade e de polícia era um Magistrado nomeado pelo Rei entre os Decuriões da administração municipal de Turim. Tinha poderes judiciais, administrativos e de polícia superiores aos puramente municipais, pois também tinha poderes conferidos pelo Estado. Quanto às competências de polícia, competia-lhe ‘promover a observância das ordens que diziam respeito à religião, à abundância e ao discreto preço dos víveres, à tranquilidade (*sic*) e à segurança pública”. Antônio da Silva FERREIRA, **Não basta amar... A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos**. São Paulo: Editora Salesiana, 2008, p. 36.

¹⁰⁸ Cf. São João BOSCO, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855**, p. 152 e 178.

¹⁰⁹ Pietro BRAIDO, **Don Bosco educatore: scritti e testimonianze**. 2ª ed. Roma: LAS, 1992, p. 33.

às autoridades e que pouco se havia de fazer com eles. Para Dom Bosco, eram pobres filhos do povo, abandonados, mas se libertos dos perigos e encaminhados a algum ofício deixariam de serem candidatos às prisões para se tornarem honestos cidadãos. Instalou-se o impasse.¹¹⁰

Remeteu-se a questão ao arbítrio do arcebispo. Cavour reuniu, então, o Tribunal de Contas, formado por uma seleção de conselheiros, em cujas mãos se concentrara todo o poder civil. Ele, mesmo, presidiu a sessão, que se realizou no palácio episcopal. Quando a decisão do Tribunal se endereçava a fim de proibir o funcionamento do Oratório, levantou-se o conde José Provana Collegno e transmitiu aos Magistrados a vontade do Rei: “É minha intenção que essas reuniões dominicais sejam promovidas e protegidas; se há perigo de desordens, procure-se a maneira de as prevenir e impedir”.¹¹¹

Assim o marquês Cavour chamou Dom Bosco e lhe comunicou que mandaria vigiar a ele e às suas reuniões. A menor coisa que acontecesse e que o pudesse comprometer, implicaria na expulsão dos moleques e o sacerdote seria chamado a prestar contas do ocorrido. Nos seis meses que ainda viveu, Cavour mandou todos os domingos alguns guardas municipais passarem o dia inteiro no Oratório, para vigiarem, sobretudo o que se dizia ou se fazia na Igreja ou fora dela.¹¹²

2.2.4.1.2. Com o Ministro Urbano Rattazzi

Em 1854, o Ministro Rattazzi visitou Dom Bosco em seu Oratório. Ele era Ministro de Graça e Justiça e estava estudando a Reforma do Código Penal no que se referia a menores. Supõe-se que esta visita teve o objetivo de ouvir as opiniões de Dom Bosco a respeito do assunto, pois já nesta época era considerado um especialista nos problemas juvenis.¹¹³

¹¹⁰ São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, p. 152-156.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 179.

¹¹² Cf. *Ibid.*, p. 178-181.

¹¹³ Cf. Giovanni BOSCO, “Conversazione com Urbano Rattazzi (1854)”, a cura di Antônio da Silva FERREIRA. In: Pietro BRAIDO, *Don Bosco educatore scritti e testimonianze*. 2ª Ed. Roma: LAS, 1992, p. 61-81.

2.2.4.2. Com as autoridades eclesiásticas

2.2.4.2.1. Da oposição dos párocos

Houve hostilidades por parte dos párocos locais, inclusive classificando-o como louco, revolucionário ou herege. Queixavam-se de que o Oratório afastava os meninos das paróquias e que assim os párocos não poderiam conhecer aqueles dos quais deveriam prestar contas no Tribunal de Deus. Reuniram-se e enviaram dois deles para pedir a Dom Bosco que mandasse os meninos às suas paróquias e deixasse de reuni-los fora delas.

Contudo, Dom Bosco fê-los perceber que seus jovens eram, em sua grande maioria, provenientes de outras fora de Turim. Vinham atraídos pela possibilidade de emprego na construção civil, pois naquele momento a cidade passava por um momento de grande expansão. Depois, propôs aos párocos que em cada paróquia tivesse um Oratório em que poderiam reunir, ensinar, rezar, catequizar e divertir estes rapazes pobres e muitos abandonados. “Os párocos de Turim, (...), trataram da conveniência dos Oratórios. Pesados os prós e contras, ante a impossibilidade de cada pároco montar um Oratório em sua respectiva paróquia, encorajaram o padre Bosco a continuar, enquanto não se tomar decisão em contrário”.¹¹⁴

2.2.4.2.1. Da diplomacia entre Estado Italiano e da Santa Sé

Dom Bosco sempre agiu para o bem da Igreja, mas não em nome dela. Foi convidado do Estado Italiano para colaborar com as tratativas com a Santa Sé.

Desde os anos de 1848 e 1849, padre Bosco se absteve de polêmicas na controversa política italiana. Como católico, não se filiou aos integristas e nem aos conciliadores. Quando se deu a unificação, a considerou como um fato consumado e procurou, inteligentemente, como viver nesta nova situação, de forma a não prejudicar o atendimento dos jovens pobres e abandonados. A todo tempo e a todos aqueles que o cercaram, sempre deixou claro que era padre, católico e fiel ao Papa e ao seu país. Era simples na aparência, mas seguro e sincero. Respeitou sempre as autoridades.¹¹⁵

¹¹⁴ São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, p. 149.

¹¹⁵ Cf. Geremia BONOMEI, *Questioni religiose, morali, social del giorno*. Vol. 1, p. 310.

Dessa forma conseguiu conquistar a confiança de autoridades católicas e de anticlericais. Seu incansável trabalho junto às massas juvenis, unido à atitude de quem crê na própria missão, tinham-lhe conseguido vencer resistências e conquistar, à sua causa, políticos de várias ideologias. Era leal súdito da casa de Saboia, de quem conservou alto conceito. Sensível ao bem social sempre dispôs em momentos de calamidade acolhendo vítimas, que lhe eram enviadas pelas autoridades que o faziam objeto de vexame, por considerá-lo chefe do partido conservador.¹¹⁶

Em Roma, a ação de Dom Bosco foi secreta. As tratativas foram conduzidas conservando um absoluto silêncio e mantendo o segredo sobre quanto se propunha. Tonello, representante do Governo Italiano, conhecia o padre Bosco desde os tempos do primeiro Oratório. No entanto, os dois fizeram de tudo para esconderem tal proximidade e favoreceram qualquer possibilidade de composição entre o Estado Italiano e a Santa Sé.¹¹⁷

Chegando a Roma, Dom Bosco encontrou-se imediatamente com Tonello. O colóquio com o cardeal Antonelli, Secretário de Estado da Santa Sé, ocorreu no dia 9 de janeiro de 1867. Sabe-se apenas que no dia seguinte, o cardeal secretário de Estado e o enviado do Governo Italiano ficaram de acordo sobre todos os pontos, menos um: se os Bispos deveriam apresentar a bula papal de nomeação às autoridades italianas para poderem receber as vantagens temporais do cargo. Mais tarde Dom Bosco mediu esta questão, resolvendo-a.¹¹⁸

Nos dias seguintes, Dom Bosco encontrou-se, novamente com os dois chefes de delegação. Foi recebido em audiência pelo Papa. A proposta defendida por Roma era de distinguir as províncias do Piemonte, Lombardia e Vêneto daquelas que pertencentes aos diversos Estados governados pelos príncipes italianos e aos Estados Pontifícios. Aceitar esta proposta era o mesmo que não legitimar o Reino da

¹¹⁶ Cf. Giovanni Battista LEMOYNE, **Memorie Memorie del venerabile Servo di Dio, Don Giovanni Bosco (1862-1864)**. Vol. VII. Torino: S. Benigno Canavese, 1909, p. 169-173.

¹¹⁷ Cf. IDEM, **Memorie Memorie del venerabile Servo di Dio, Don Giovanni Bosco (1865-1867)**. Vol. VIII. Torino: S. Benigno Canavese, 1912, p. 590-592.

¹¹⁸ Cf. Giovanni Battista LEMOYNE, **Memorie Memorie del venerabile Servo di Dio, Don Giovanni Bosco (1865-1867)**. Vol. VIII. Torino: S. Benigno Canavese, 1912, p. 590-592.

Itália, o que impossibilitava o acordo. O papa perguntou a Dom Bosco com que política sairia daquela situação de impasse. Ele responde que “A minha política – respondeu – é a de Vossa Santidade. É a política do Pai nosso. No pai nosso pedimos a cada dia que venha sobre a terra o reino do Pai celeste, isto é, que se estenda sempre mais, que se faça sempre mais sentido, mais vivo, sempre mais poderoso e glorioso”.¹¹⁹ E insistiu em que se antepusesse a toda consideração o bem das dioceses e que se estudasse o modo de poder assegurá-lo.¹²⁰

Padre Bosco propôs que a solução estivesse ligada não a concepções políticas, mas às indicações que fossem aceitas por ambos os lados. Assim, o Governo Italiano indicou pessoas convenientes para as várias sedes episcopais. O mesmo fez o Papa. Começaram por nomear aqueles que constassem nas duas listas, desde que no princípio se nomeassem poucos Bispos, destinando-os para aquelas sedes a que o cardeal Antonelli não fizesse dificuldades. Recomendou, também, que não se comprometesse o êxito das negociações com o vazamento de informações.¹²¹

Finalmente, Pio IX assentiu ao pensamento de Dom Bosco e lhe deu plenos poderes para tratar do assunto com Tonello e com o cardeal. Este, embora com dificuldade, consentiu em aceitar o princípio religioso de Dom Bosco, em lugar de critérios ligados à política.¹²²

Este capítulo tratou a escolha laboral e dos destinatários e a ação política com o escopo de manter e desenvolver sua obra a fim de que “seus” jovens abandonados e pobres não ficassem mais uma vez desamparados. Para isso, precisou articular sociedade civil e religiosa.

O próximo capítulo abordará a articulação juvenil a partir do fundamento educativo salesiano desenvolvido por Dom Bosco (Razão, Religião e Amor) a fim de

¹¹⁹ Cf. Giovanni Battista LEMOYNE, *Memorie Memorie del venerabile Servo di Dio, Don Giovanni Bosco (1865-1867)*. Vol. VIII, p. 593-594. Vide o item 2.2.2., p. 20.

¹²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 642.

¹²¹ Cf. *Ibid.*, p. 645-657.

¹²² Cf. *Ibid.*, p. 648-659.

estimular os jovens em seu ato de formarem-se como bons cristãos e honestos cidadãos.

* * *

Capítulo III

As Companhias como instrumento para a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”

A juventude dos nossos dias [é] a porção mais delicada e a mais preciosa da Sociedade humana, em que se fundamentam as esperanças do presente e do futuro.

(INTRODUÇÃO AO PLANO DE REGULAMENTO PARA O ORATÓRIO DE S. FRANCISCO DE SALES)

O capítulo anterior tratou da escolha laboral, dos destinatários e da ação política com o escopo de manter e desenvolver sua obra a fim de que “seus” jovens abandonados e pobres não ficassem mais uma vez desamparados. Para isso, precisou articular sociedade civil e religiosa.

A proposta educativa de Dom Bosco destacou-se tanto pela reflexão pedagógica, como pela iniciativa da educação popular profissional.¹²³ Estas duas preocupações fizeram com que o padre turinês criasse um método associativo que possibilitasse o protagonismo dos jovens em seu itinerário formativo cuja meta era a de formar “bons cristãos e honestos cidadãos”.

No século XIX, as associações atuavam na formação dos jovens em relação ao tempo livre da escola e do trabalho. Em todas elas reuniam-se jovens que coordenavam suas atividades em torno de um interesse; organizava-se minuciosamente o tempo livre, submetendo-o a uma disciplina precisa; criava-se um espírito de corporação, afirmava-se um ideal de vida e desenvolvia-se, assim, uma obra *sui generis* de educação.¹²⁴

A estrutura do oratório salesiano aplicava tal prática. Sua rotina de atividades era organizada pelos próprios jovens. Jogava-se, cantava-se, fazia-se teatro e se liam bons livros, inspirados na valorização da religião e da moral cristã.¹²⁵

¹²³ Cf. Mario Alighiero MANACORDA, **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 295.

¹²⁴ Cf. Franco CAMBI, **História da Pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 489.

¹²⁵ Cf. *Ibid.*, p. 488-489.

Este capítulo abordará a importância das Companhias – uma espécie de associação – como meio de efetivação dos princípios fundantes (Razão, Religião e “Amorevolezza”) do método educativo salesiano – o sistema preventivo – aprimorado por Dom Bosco a fim de estimular os jovens em seu ato de formarem-se integralmente.

Dividir-se-á este capítulo em três partes: a primeira parte, tratará dos princípios fundantes do sistema educativo salesiano – razão, religião e “Amorevolezza”; a segunda parte, analisar-se-á a finalidade do método educativo de Dom Bosco que é o de formar “bons cristãos e honestos cidadãos”; e, por fim, apresentará as companhias (associações) com suas particularidades e como meio de integração dos princípios supracitados no processo autoemancipatório dos jovens.

3.1. Dos Fundamentos do Sistema Educativo Salesiano

A experiência educativa de Dom Bosco nasceu de sua identidade sacerdotal que se empenhou à assistência material e à formação religiosa da juventude pobre em um contexto social de fortes mudanças, cujo mote era o de “formar bons cristãos e honestos cidadãos”.

O sistema salesiano de educação fundamentava-se em três componentes essenciais que se interpenetravam e definiam, antes de tudo, o conteúdo da mensagem preventiva: a religião, a razão e a “amorevolezza”.¹²⁶

3.1.1. A religião ou o sentido religioso da vida

O termo religião possuía um significado amplo, a superar sua função de exteriorização e de instrumentalidade, isto é, não indicava apenas o cumprimento de práticas religiosas, cuja frequência aos sacramentos trariam em si sua eficácia educativa.

O sentido que se dava a ela é o de conversão do coração para Deus. Possibilitava-se ao educando oferecer-se completamente a Deus, aderindo à sua

¹²⁶ Cf. Tarcísio SCARAMUSSA, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Salesiana de Dom Bosco, 1984, p. 76. Cf. Giovanni Battista LEMOYNE, *Memorie biografiche di S. Giovanni Bosco*. Vol. VI. Torino: Società Editrice Internazionale, 1898-1917, p. 68.

graça, correspondendo ao seu chamado, fazendo escolhas que respondam aos seus apelos.

Aderir com o coração, para a mentalidade de Dom Bosco, significava aderir com a vontade, com a inteligência, com o amor. Conhecer a graça divina era ter uma consciência afetiva que, por sua natureza, levasse o indivíduo a dar-se sempre mais a Deus e a inclinar sempre mais seu coração para o bem. Condição para essa convicção religiosa era uma fé esclarecida, fundada em argumentos racionais e históricos.¹²⁷

Concebiam-se uma educação a partir dos elementos religiosos e para a vivência religiosa. Compreendiam-na a partir da racionalidade e da liberdade que indicava ao educando um programa de vida pessoal e prático capaz de ajudá-lo a responder às demandas existenciais e sociais que se apresentavam.¹²⁸

Confissão e comunhão, instrução catequética, devoção mariana e fidelidade à Igreja na pessoa do papa eram os elementos que figuravam neste primeiro fundamento do método educativo de Dom Bosco como um processo de iniciação do jovem à conversão do coração para Deus.

3.1.1.1. Confissão e comunhão

Eram “as colunas do seu edifício educativo”¹²⁹, pois possibilitavam ao jovem descobrir a radicalidade da fé e da caridade, o gosto pela pelas coisas celestes e o cultivo das virtudes cristãs.¹³⁰

“(…) No sacramento da confissão a ênfase era colocada sobre a relação confessor-penitente. Como confessor, Dom Bosco procurava ser o pai, o amigo, o confidente, o guia, que conquistava o coração dos seus jovens; a confiança paterna e filial não distinguia muito entre confissão e outros momentos da vida ordinária de cada dia. Com respeito à comunhão, a sua experiência de educador que conhecia a ‘mobilidade juvenil’, levava-o a incentivar a freqüência (*sic*) a esse sacramento como alimento da vida espiritual e força para vencer o pecado,

¹²⁷ Tarcísio SCARAMUSSA, **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação**, p. 77.

¹²⁸ Cf. Pietro BRAIDO, **Il Sistema Educativo di Don Bosco**. 2ª Ed. Zürich: Pas-Verlag, 1964, p. 233.

¹²⁹ Giovanni BOSCO, **Il pastorello dele Alpi: ovvero vita del Giovane Besuccio Francesco d'Argentera**. Torino: Tipografie dell'Oratorio di San Francesco di Sales, 1864, p. 104.

¹³⁰ Cf. Pietro STELLA, **Don Bosco nella storia della religiosità cattolica**. Vol. II – Mentalità religiosa e spiritualità. 2ª Ed. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1981, p. 105.

e como meio eficaz para superar o perigo da superficialidade, da inconstância e do hábito mecânico”.¹³¹

3.1.1.2. Instrução catequética

Pretendia-se o amadurecimento dos jovens na religião e na moral.

Era, essencialmente, uma ‘instrução’, mas tinha o escopo de mover o coração do jovem, de tal modo que ele sentisse o desejo de empenhar-se em evitar o pecado, de pensar seriamente em salvar sua alma, de praticar os próprios deveres cotidianos com alegria e de tender assim para a santidade. (...) Nas associações religiosas a instrução e as exortações provocavam os jovens para o apostolado.¹³²

3.1.1.3. Devoção mariana

Grande parte dos educandos eram órfãos ou abandonados. A figura de Maria tornava-se elemento rico de significado que atribuía a ela os papéis de mãe e auxiliadora, cuja devoção constituía-se em caminho de encontro com Deus e de salvação da alma.¹³³

3.1.1.4. Fidelidade à Igreja

Dom Bosco concebia a Igreja como uma família, cuja paternidade era exercida pelo papa a quem todos deveriam submeter-se fielmente.

A fidelidade à Igreja Católica, ao papa, vigário de Jesus Cristo na terra, e a consecução da santidade nesta Igreja eram amiúde proclamadas e incentivadas por Dom Bosco. (...) A descrição que Dom Bosco costumava fazer da Igreja, ‘reino monarquia, família’, revelava a sua concepção de Igreja. (...) A imagem preferida por Dom Bosco, no entanto, era a da família, devido às suas predileções educativas, no estilo da familiaridade.¹³⁴

Todos os elementos que constituíam fundamento da religião visavam criar no jovem um programa de vida pessoal, que incluía a conquista de virtudes fundamentais, tais como: a modéstia, a humildade, a obediência e a caridade.¹³⁵

¹³¹ Tarcísio SCARAMUSSA, **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação**, p. 79.

¹³² Giuseppe GROppo, **Vida sacramental, catequese, formação espiritual: elementos essenciais do Sistema Preventivo**. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1977, (Col. Cadernos Salesianos – nº 5), p. 17.

¹³³ Cf. Pietro STELLA, **Don Bosco nella storia della religiosità cattolica**, p. 147.

¹³⁴ Tarcísio SCARAMUSSA, **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação**, p. 81.

¹³⁵ Cf. Pietro STELLA, **Don Bosco nella storia della religiosità cattolica**, Vol. II, p. 227-274.

Recomendava-se aos jovens a pureza e a retidão na intenção, contra toda forma de oportunismo desleal e insincero. Propunha-se objetivos comportamentais para a educação moral por meio dos exercícios ascéticos, tais como: a eliminação dos maus hábitos, entendidos como a desobediência, fumo, gulodice, preguiça, vadiagem; diligência em cultivar todos os gestos de bondade na convivência com os outros educandos; propunha-se a posse de um caderno para anotações de reflexões e propósitos feitos ao longo do dia, da semana e do mês.¹³⁶

A religião permitia que Dom Bosco despertasse nos jovens perspectivas existenciais e relacionais que valorassem suas vidas e os reinserissem socialmente a possibilitar um futuro para aqueles que eram considerados como dispensáveis para a sociedade de então.

3.1.2. A razão ou os valores temporais

Outro elemento essencial do sistema educativo salesiano, entendido como racionalidade, que permeava a mentalidade religiosa e era a medida de articulação do conteúdo humanístico dos educandos.

Dom Bosco detestava o sentimentalismo e o pietismo. Preocupava-se com os interesses imediatos dos jovens, com sua situação social, sua profissionalização e suas responsabilidades futuras. Por isso, exigia do educando apenas o essencial, o cumprimento de seus deveres, e criava oportunidades para que pudesse expandir livremente todas as suas energias.¹³⁷

Preparava-se o jovem para enfrentar responsabilmente a seriedade da vida. Dom Bosco recomendava, constantemente, o uso racional do tempo e a diligência no cumprimento do dever. Educava-se concretamente ao trabalho, entendido como o cumprimento dos deveres inerentes ao próprio estado de vida – quer seja o estudo, quer seja uma profissão, concebia-o como meio de dignificação do ser humano.

Foi então que eu pude verificar que, se os rapazes, saídos do lugar de punição, encontram alguém que, de forma benévola, os ampare e guie, os assista nos dias festivos, procure

¹³⁶ Cf. Giovanni Battista LEMOYNE, *Memorie biografiche di S. Giovanni Bosco*. Vol. VII. Torino: Società Editrice Internazionale, 1898-1917, p. 600-603.

¹³⁷ Tarcísio SCARAMUSSA, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*, p. 85.

empregá-los junto a patrões honestos, e os visite um vez ou outra durante a semana, tais rapazes passam a levar uma vida honrada, esquecendo o passado e tornando-se bons cristãos e honestos cidadãos.¹³⁸

A razão contribuía para uma formação religiosa sóbria e atenta aos sinais dos tempos; como também para a formação do caráter cômico e responsável diante da realidade da vida e de seu papel social.

3.1.3. “Amorevolezza” ou o mundo da afetividade sensível e espiritual

Surgiu das exigências juvenis sentidas por Dom Bosco, traduzidas como a necessidade de afeto e de familiaridade. Pensou-se em criar condições para que outros jovens não viessem sofrer as mesmas privações pelas quais ele passara.¹³⁹

A “amorevolezza” educativa consistia para Dom Bosco em caridade sobrenatural aplicada à relação educador e educando que se consubstanciava em pequenas atenções, respeito, dedicação afetuosa aos jovens e que significavam o amor de Deus desdobrado sobre eles. Criava-se um ambiente de valorização do ser humano.¹⁴⁰

Outro elemento integrante da “amorevolezza” era a racionalidade que evitava qualquer tipo de sujeição, de pressão emotiva e sentimental, de estranhezas, de artifícios e complicações que pudessem afetar patologicamente os jovens; mas, permitia guiar os ânimos com a clareza das ideias e da verdade, num clima de vida familiar, marcada pela normalidade, simplicidade e naturalidade.

A *amorevolezza* racional manifestava-se, concretamente, nas normas regulamentares reduzidas ao mínimo indispensável, na espontaneidade, na relação cordial entre educadores e educandos (...). Manifestava-se na forma de avisos prévios, leais e sem ambigüidades (*sic*), que não eram ameaças, mas indicações de procedimentos adequados, para que o educando soubesse claramente o que devia fazer, ou fosse ajudado a recordá-lo, através de um diálogo afetivo e respeitoso (...). (...) manifestava-se no método da persuasão: conseguir através de um diálogo afetivo e respeitoso, que o educando adquirisse

¹³⁸ Giovanni Battista LEMOYNE, *Memorie biografiche di S. Giovanni Bosco*. Vol. VII, p. 127.

¹³⁹ Cf. Tarcísio SCARAMUSSA, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*, p. 88.

¹⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 88-89.

uma consciência de sua responsabilidade pessoal e social diante do fato educativo.¹⁴¹

Em suma, o significado metodológico dos três elementos fundamentais prefiguravam um conjunto orgânico e articulado de iniciativas, de intervenções, de meios destinados unitariamente a promover o desenvolvimento do jovem, que se pretendia envolver na obra do próprio amadurecimento humano e cristão.¹⁴²

3.2. Da Finalidade Educativa Salesiana

3.2.1. Da finalidade compreendida nas origens

O sistema educativo de Dom Bosco não se apresentou com a radicalidade de outros modelos educacionais de seu tempo ou antes dele. Ele não visou, por exemplo, à criação do homem novo de Rousseau e Makarenko¹⁴³, tão pouco deu lugar ao retorno ao homem antigo, apregoado pela mentalidade restauradora, que postulava a tradição cristã e civil do *ancien régime*.¹⁴⁴

Ele concebeu e realizou a própria obra educativa para a consecução de fins ao mesmo tempo antigos e novos, levando os jovens a acolher e formar em si, tanto a fidelidade à perene novidade cristã quanto a capacidade de inserir-se em uma sociedade libertada dos mais pesados vínculos do *ancien régime* e projetada para novas conquistas.¹⁴⁵

As finalidades educativas que ele perseguiu não foram o resultado de uma teoria sistematizada de educação. Nela confluíam evidentes elementos autobiográficos, tais como: a fé vivida desde a infância na prática da oração, os estudos filosóficos e teológicos, a formação moral e pastoral, as leituras históricas, apologéticas e espirituais. Somavam-se, ainda, os mais variados contatos com o

¹⁴¹ Tarcísio SCARAMUSSA, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*, p. 90.

¹⁴² Cf. Pietro BRAIDO, *Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco*. Trad. Jacy Cogo. São Paulo: Editora Salesiana, 2004, p. 266; Cf. Pietro BRAIDO, *L'esperienza pedagogica di Don Bosco*. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1988, p. 131-137.

¹⁴³ Cf. Moacir GADOTTI, *História das Idéias Pedagógicas*. 8ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2001, p. 93-97 [Rousseau], p. 135-137 [Makarenko].

¹⁴⁴ Cf. Pietro BRAIDO, *Prevenir, não reprimir*, 2004, p. 211.

¹⁴⁵ Cf. *Ibid.*, p. 211.

mundo da pobreza e da necessidade, tanto no âmbito do espiritual como também no âmbito material,¹⁴⁶ como viu-se no segundo capítulo deste trabalho.

Dom Bosco expressava a própria convicção na fórmula “bons cristãos e honestos cidadãos”, traduzida depois por variações: “bons cidadãos e verdadeiros cristãos”, “bons cristãos e sábios cidadãos”, “bons cristãos e homens probos”.¹⁴⁷

A fórmula expressava os objetivos a que se endereçariam a atividade educativa do padre italiano, que foi proclamado no primeiro importante livro de orientação religiosa utilizada pelos jovens no oratório – “O jovem instruído”:

Apresento-vos um método de vida breve e fácil, mas suficiente o bastante para que vocês possam tornar-se o consolo de seus pais, a honra da pátria, bons cidadãos na terra para serem depois, um dia, afortunadamente habitantes do céu.¹⁴⁸

De um lado, Dom Bosco aspirava por uma sociedade, cujos valores que a regessem fossem eminentemente cristãos, fundava-se sobre as clássicas virtudes religiosas e morais. De outro lado, o mundo novo, que se instaurara, o envolvia com o seu vigor, seu fascínio e suas conquistas de progresso e civilização, exigia um modelo de ser humano capaz de dar sentido a ela.¹⁴⁹

Antes de tudo, em relação ao que foi observado a propósito do humanismo pedagógico cristão de Dom Bosco, fica logo evidente a bipolaridade que caracteriza seu conjunto: por um lado, se afirma a centralidade da fé religiosa, do transcendente, do específico cristão; por outro, está presente uma franca avaliação das realidades temporais, sinceramente, intrinsecamente e não só instrumentalmente apreciadas e utilizadas. Mais do que a coexistência igualitária entre dois polos, trata-se de duas realidades de igual dignidade na própria ordem, mas com a subordinação do polo temporal ao polo transcendente.¹⁵⁰

Para ele, portanto, o homem inserido ativamente na sociedade civil e política é, antes de tudo e principalmente, o cristão competente e honesto no exercício de

¹⁴⁶ Cf. Pietro BRAIDO, *Prevenir, não reprimir*, p. 211-212.

¹⁴⁷ Cf. IDEM, *Buon cristiano e onesto cittadino: una formula dell' 'umanesimo educativo' di don Bosco*. Roma: LAS, 1994, p. 7-75.

¹⁴⁸ Giovanni Bosco, *Il Giovane provveduto*. Torino: Tipografia Paravia e Comp., 1847, p. 187.

¹⁴⁹ Cf. Pietro BRAIDO, *Prevenir, não reprimir*, p. 213.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 216.

seu dever profissional. Ele contribuiria para a ordem e para o progresso da sociedade, governaria com sabedoria a própria família, e, participaria, segundo as próprias possibilidades, nas obras de beneficência e de solidariedade. Este era, precipuamente, o objetivo perseguido pelo padre turinês.

3.2.2. Da finalidade educativa hoje

Compreende-se o “bom cristão” como aquele que segue Jesus Cristo e tudo que decorre dessa opção e o “honesto cidadão” pelo entendimento do significado da palavra cidadania.

(...) cidadão significa indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão.¹⁵¹

Cidadania liga-se ao exercício de direitos e deveres do indivíduo em um determinado tempo e espaço. Etimologicamente a palavra cidadão é derivada da palavra *civitas*, que em latim significa cidade, e que tem seu correlato grego na palavra πολιτικός (*politikos*) – aquele que habita a cidade.

A partir do Iluminismo e dos ideais republicanos, o conceito de cidadania passou a ter cada vez mais significação no contexto cultural do Ocidente, inseparável do conceito de Direitos Humanos e de Democracia como valor universal, expresso no texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU de 1948:

Artigo I

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.¹⁵²

Paulatinamente a humanidade tem ampliado sua compreensão de direito, especialmente ligado ao ser humano; junto a esta concepção desenvolveu-se o

¹⁵¹ Paulo FREIRE, **Política e Educação**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001, p. 25.

¹⁵² Fábio Konder Comparato. **A afirmação histórica dos Direitos Humanos**. 3ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 232.

tema da cidadania.¹⁵³ A Igreja colaborou com esta reflexão, especialmente em relação à ampliação dos direitos humanos:

73. Profundas transformações se verificam nos nossos dias também nas estruturas e instituições dos povos, em consequência da sua evolução cultural, económica e social; pois todas estas transformações têm uma grande influência na vida da comunidade política, especialmente no que se refere aos direitos e deveres de cada um no exercício da liberdade cívica, na promoção do bem comum e na estruturação das relações dos cidadãos entre si e com o poder público.¹⁵⁴

Conscientizar-se da dignidade humana requer a instauração de uma ordem político-jurídica, cujos direitos da pessoa sejam assegurados por parte do Estado. Salvaguardá-los é condição necessária para que cidadãos participem ativamente na construção de sociedades democráticas, justas e solidárias.¹⁵⁵ Nesta tarefa vê-se o sentimento vanguardista de Dom Bosco que entendia a formação do honesto cidadão como consequência direta do bom cristão.

Atualizar a aspiração de Dom Bosco na educação juvenil para que sejam “bons cristãos e honestos cidadãos” significa criar ambientes educativos que promovam clima favorável ao desenvolvimento do senso crítico, da estrutura valorativa, da consciência de ser possuidor de direitos e deveres, de olhar o mundo como casa a ser preservada e que a significatividade de uma vida não consiste em consumir e dominar.

Aproximar a prática educativa salesiana ao tema da cidadania requererá relançar o brocardo – “bom cristão e honesto cidadão”. O Pe. Pascual Chávez, em sua *Estreia de 2013* – mensagem de início de ano, que oferece um tema a ser observado ao longo do ano para toda família salesiana – convocou a todos para a reflexão a respeito do “honesto cidadão” afirmando que a “(...) educação salesiana deve importar-se com a ‘dimensão social da caridade’ e ‘à participação na política’, (...)”.¹⁵⁶

¹⁵³ Cf. Fábio Konder COMPARATO, **A afirmação histórica dos Direitos Humanos**, p. 275-278.

¹⁵⁴ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, **Constituição Pastoral Gaudium Et Spes**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 465.

¹⁵⁵ **Gaudium et Spes**, nº 73.

¹⁵⁶ Pascual CHAVEZ, **Estreia 2013**. Brasília: Editora Dom Bosco, 2013, p. 15-16.

Relançar, portanto, o “honesto cidadão”, como compromisso educativo, exigirá um posicionamento quanto à formação dos jovens à sensibilidade política, social, ao empenho pela transformação da sociedade, ao voluntariado como missão em vista do bem da comunidade. Exigirá coerência entre os princípios educativos salesianos com nossa prática na sociedade civil e eclesial.

3.3. Das Companhias como método de articulação do Sistema Educativo Salesiano e ambiente de emancipação

Todo o modo de agir e de educar de Dom Bosco fundou-se a partir da condição de sacerdote extremamente zeloso e preocupado pela salvação espiritual e temporal de “seus” jovens. Não era um teórico da educação, mas um padre-educador. Viu-se em capítulos anteriores que a educação cristã da juventude, em obras populares de acentuado caráter missionário, como os Oratórios festivos das periferias de Turim, exigia-se percursos gradativos, adequados ao passo de cada jovem. Percebeu-se tal sistemática em duas ações usadas pelo padre turinês: a direção espiritual e a proposta das Companhias. Abordar-se-á, neste item, o tema das Companhias por ser elemento importante na constituição do processo emancipatório, elemento de extrema importância para a educação sociocomunitária.

O “Jovem Instruído”¹⁵⁷ oferecia, para os padrões da época, uma proposta essencial adaptada a todos. Dessa forma, o padre Bosco, por meio do sacramento da penitência, do colóquio formativo pessoal e da sugestão de práticas devotas seletivas, inocula percursos personalizados mais exigentes para os jovens capazes de maior empenho. Além disso, lembrando as fecundas experiências juvenis, como a *Sociedade da Alegria*¹⁵⁸, promoveu entre os meninos do Oratório e os alunos das

¹⁵⁷ Durante a vida de Dom Bosco, *O Jovem Instruído* chegou a 118 edições e ele viveu para vê-lo traduzido em francês, espanhol e português. Trata-se de livro de instrução e piedade cristã. Possui três partes. A primeira parte, explica aos jovens a prática das obrigações cristãs; apresenta quatro séries de meditações que proporcionam orientação espiritual e ascética para a vida cristã de um jovem. A segunda parte, traz uma série de práticas piedosas ou exercícios de devoção, com orações da manhã e da noite, orações para “assistir” a missa, confissão, comunhão, visita ao Santíssimo Sacramento, devoções marianas e via-sacra. A terceira parte, continham orações utilizadas aos domingos, um pequeno ofício da Santíssima Virgem Maria e hinos populares. “O jovem instruído pode parecer sobrecarregado de práticas devotas, mas na ‘Introdução’ e na ‘Primeira Parte’, Dom Bosco consegue expor um programa espiritual perfeitamente adequado aos jovens. O amor de Deus aos jovens e a alegria de iniciar um itinerário de santidade enquanto se é jovem constitui a base, e muitos jovens construíram sua vida espiritual sobre ela”. Arthur J. LENTI, *Dom Bosco: história e carisma*. Vol. 1 – Origem: dos Becchi a Valdocco (1815-1849). Trad. Antenor Velho. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012, p. 594.

¹⁵⁸ “Como os companheiros que me queriam levar às desordens eram os mais desleixados nos deveres escolares, começaram também a recorrer a mim para que lhes fizesse o favor de lhes emprestar ou ditar o tema da aula. Isso desagradou ao professor, porque minha mal-

casas a organização de *companhias religiosas* e de livres associações de amigos com acentuada finalidade formativa e apostólica, nas quais se favoreciam a vida cristã integral, orientada a progredir na virtude e a agir como fonte propulsora de emancipação dentro da comunidade juvenil.

Nas companhias¹⁵⁹ reuniam-se jovens que coordenavam suas atividades em torno de um interesse, organizavam minuciosamente o tempo livre, submetendo-o a uma disciplina precisa, criava-se um espírito de corporação, afirmava-se um ideal de vida e desenvolvia-se, assim, uma obra bastante explícita de educação, capaz de incidir com maior profundidade no processo emancipatório dos educandos.

As associações (...) engajavam os jovens num esforço de autodisciplina, de controle do corpo e de valorização da competição: aspectos esses que incidiam profundamente naquele processo de formação juvenil que visava a uma socialização dos indivíduos e seu engajamento no fortalecimento da nação, pela adoção de uma ética que fazia da luta e do sacrifício, do autocontrole individual e do melhoramento [pessoal] (...) o seu próprio eixo central.¹⁶⁰

Pelas companhias chegava-se a reconhecer a autonomia da adolescência e de seus problemas, dava-se corpo às necessidades fundamentais da juventude e criava-se instituições que permitam organizar a vida de adolescentes e jovens, submetendo-a a um controle e a um itinerário de desenvolvimento preciso, fixando seus limites e objetivos.¹⁶¹

O nascimento das companhias religiosas nos Oratórios constituíram o meio de realização do modo de educar de Dom Bosco. Cada companhia possibilitava a

entendida benevolência favorecia-lhes a preguiça, e me proibiu de ajudá-los. Recorri então a um meio menos prejudicial, isto é, explicar as dificuldades e ajudar os mais atrasados. Dessa maneira agradava a todos e conquistava o afeto e a estima dos colegas. Começaram a vir para brincar, depois para ouvir fatos e fazer a tarefa de aula, e, por fim, sem motivo algum, como os de Murialdo e de Castelnuovo.

Para dar um nome essas reuniões, costumávamos chamar-lhe Sociedade da Alegria. O nome vinha a calhar, porque cada sócio tinha a obrigação estrita de arranjar livros e provocar assuntos e brinquedos que pudessem contribuir para estarmos alegres. Tudo o que pudesse ocasionar tristeza, especialmente as coisas contrárias às leis do Senhor, estava proibido. Assim, quem houvesse blasfemado ou tomado o nome do Senhor em vão, ou tido más conversas, era imediatamente expulso da sociedade.

Encontrando-me desse modo à testa de uma multidão de companheiros, assentamos de comum acordo estas bases: primeiro, todo membro da Sociedade da Alegria deve evitar qualquer conversa ou ação que desdiga de um bom cristão; segundo, exatidão no cumprimento dos deveres escolares e religiosos". São João Bosco, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales (1815-1855)**. Introdução e notas de Antônio da Silva Ferreira. Trad. Fausto Santa Catarina. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012, p. 55-56.

¹⁵⁹ "Companhia" é uma terminologia pós-tridentina para as associações religiosas. Hoje, prefere-se falar de "associação" ou "sociedade". Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: história e carisma**. Vol. 1 – Origem: dos Becchi a Valdocco (1815-1849), p. 579, nota 3.

¹⁶⁰ Franco CAMBI, **História da Pedagogia**, p. 489.

¹⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 489.

efetividade dos elementos fundamentais dos sistema educativo e contribuía para a criação de um ambiente altamente educativo capaz de estimular o processo de autoemancipação do educando.

(...) a organização de “companhias religiosas” e de livre associações de amigos com acentuada finalidade formativa e apostólica, nas quais se favorece a vida cristã integral, orientada a progredir na virtude e a agir como fermento dentro da comunidade juvenil.¹⁶²

Apresentar-se-á três importantes Companhias: a de São Luís Gonzaga, fundada em 12 de abril de 1847, propunha o entusiasmo pela piedade por meio de práticas sóbrias e regulares, convidava os sócios a darem bom exemplo na igreja e fora dela, a evitarem más conversas e frequentarem os santos sacramentos.¹⁶³ A Companhia da Imaculada, fundada por Domingos Sávio e amigos em junho de 1856, propunha aos jovens estudantes caminhos de santidade e cultivava vocações para a vida apostólica e religiosa; e por fim, a Companhia de São José fundada em 1859, orientava a vida espiritual entre os aprendizes e os jovens operários e promovia vocações à vida religiosa salesianas.¹⁶⁴

3.3.1. Companhia de São Luís Gonzaga

Fundada por Dom Bosco em 1847. Foi a primeira organização juvenil concebida por ele. Sua finalidade era promover as práticas religiosas e o serviço cristãos de seus membros entre os meninos do Oratório. Tornou-se modelo para as outras Companhias.¹⁶⁵

A Companhia não só funcionava como organizadora de festas religiosas, mas desde seus inícios foi também instrumento pelo qual a orientação espiritual e religiosa de Dom Bosco chegasse à massa do Oratório.¹⁶⁶

¹⁶² São João BOSCO, **Ensinamentos de Vida Espiritual – Uma antologia**. Introdução e notas de Aldo Giraudo. Trad. Hilário Moser. Brasília: Editora Dom Bosco, 2014, p. 56.

¹⁶³ Cf. IDEM, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales (1815-1855)**, p. 193.

¹⁶⁴ Cf. IDEM, **Vidas de jovens. As biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco**. Estudo introdutório e notas históricas de Aldo Giraudo. Trad. Hilário Moser. Brasília: Editora Dom Bosco, 2013, p. 84-88.

¹⁶⁵ Cf. IDEM, **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales (1815-1855)**, p. 192-193.

¹⁶⁶ Cf. Arthur J. LENTI, **Dom Bosco: história e carisma**. Vol. 1 – Origem: dos Becchi a Valdocco (1815-1849), p. 581.

De acordo com o regulamento desta Companhia, pedia-se aos membros coisas simples e empenhativas atinentes ao próprio estado de vida. Insistia-se, particularmente, sobre o dever do bom exemplo (art. 1), sobre a frequência aos sacramentos (art. 2), sobre a fuga dos maus companheiros (at. 3), sobre a caridade (art. 4), sobre o trabalho e sobre a obediência (art. 6) e sobre a assistência aos doentes (art. 7).

1. Dado que são Luís Gonzaga foi modelo de bom exemplo, assim, todos que querem se inscrever na sua Companhia devem evitar tudo o que pode causar escândalo e procurar dar bom exemplo em toda parte, sobretudo no cumprimento dos deveres de um bom cristão. São Luís foi, desde criança, muito exato no cumprimento de seus deveres, muito amigo dos exercícios piedosos e tão devoto quando ia à igreja, que as pessoas acorriam para contemplar sua modéstia e recolhimento.

2. Cada quinze dias, receber os sacramentos da penitência e da comunhão; até com maior frequência, sobretudo nas maiores solenidades da Igreja. Porque estas práticas são as armas pelas quais se obterá vitória garantida contra o demônio. São Luís, ainda menino, recebia esses sacramentos cada oito dias, depois, quando mais crescido, com maior frequência. Quem, porém, por justo motivo, não puder alguma vez cumprir esta condição, poderá pedir ao superior a substituição por alguma prática de virtude.

3. Fugir, como da peste, dos maus colegas e evitar cuidadosamente conversas obscenas. São Luís não só evitava essas conversas, mas ninguém ousava proferir palavras, mesmo levemente obscenas, na sua presença.

4. Usar grande caridade para com os colegas, perdoando facilmente qualquer ofensa. Bastava ofender são Luís para tornar-se seu grande amigo.

5. Grande empenho em manter a ordem no Oratório, animando os outros à virtude e levando-os a se inscreverem na Companhia. São Luís para o bem de seu próximo, foi servir os doentes de peste, o que ocasionou sua morte.

6. Mostrar grande amor ao trabalho e no cumprimento dos próprios deveres, sendo muito obedientes ao pais e demais superiores.

7. Quando um irmão estiver doente, cada sócio se preocupará em rezar por ele, e também em ajudá-lo nas coisas temporais, de acordo com as próprias forças.¹⁶⁷

¹⁶⁷ São João Bosco, **Ensinamentos de Vida Espiritual – Uma antologia**, p. 57-58.

A Companhia suscitou grande interesse nos jovens, diante da quantidade de pedidos de inscrição, Dom Bosco, impôs um mês de prova. Nos anos seguintes, a Companhia desenvolveu-se amplamente. Dela faziam parte os melhores jovens de Valdocco.¹⁶⁸

Durante a epidemia de cólera que assolou Turim no ano de 1854, os membros da Companhia prestaram assistência aos doentes.

Eletrizados por Dom Bosco que lhes prometera garantia de vida se evitassem o pecado, dedicaram-se ao cuidado dos doentes e moribundos nos hospitais e nas famílias. A coragem desses rapazes de quinze ou dezesseis anos, todos pobres, foi objeto de comentários cheios de admiração entre a população, e o jornal *L'Armonia* elogiou-os num artigo do dia 16 de setembro. De fato, nenhuma morte atingiu o Oratório, ao passo que na cidade de Turim houve a lamentar-se 2.456 passamentos, uma quarentena deles em casas vizinhas.¹⁶⁹

3.3.2. Companhia da Imaculada Conceição

Dom Bosco atribuiu a Domingos Sávio a ideia da Companhia e a iniciativa da sua fundação.

Motivado pelo zelo na caridade que lhe era habitual, [Domingos] escolheu alguns companheiros nos quais mais confiava e propôs-lhes unirem-se numa associação que se chamaria da *Imaculada Conceição*. Seu objetivo era garantir a proteção da grande Mãe de Deus durante a vida e especialmente na hora da morte. Para realizar esse propósito, Sávio sugeria duas formas: praticar e promover práticas de piedade em honra de Maria Imaculada e comungar com frequência. Depois, de acordo com seus companheiros mais estimados, redigiu um conjunto de normas. Enfim, após muito trabalho e esforço, em 8 de junho de 1856, nove meses antes de sua morte, leu-as com seus amigos diante do altar de Maria Santíssima.¹⁷⁰

Nessa época se havia introduzido certo relaxamento que negligenciava a observância do regulamento do Oratório. Tal situação ensejou a criação da Companhia pelos próprios jovens que se sentiam indignados com este fato.

Havia, no Oratório, rapazes magníficos, mas também alguns um tanto vadios, que se comportavam mal, e desprezavam por

¹⁶⁸ Cf. Morand WIRTH, *Dom Bosco e os Salesianos*. Trad. Fausto Santa Catarina. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1971, p. 70.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 71.

¹⁷⁰ São João Bosco, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco*, p. 84.

completo o regulamento, havia garotos que sofriam, em dificuldade com os estudos, tomados pela nostalgia de casa. Cada um procurava ajudá-los por conta própria. Por que não podiam os jovens de maior boa vontade unir-se numa 'sociedade secreta', para formar um grupo compacto de pequenos apóstolos na massa dos outros? José disse estar de acordo. Falaram disso com alguns. A ideia agradou. Decidiu-se chamar o grupo de 'Companhia da Imaculada'. Dom Bosco aprovou: fizessem uma experiência e redigissem um pequeno regulamento. Ele mesmo escreveu: "José Bongiovanni foi um dos que mais eficazmente ajudaram Domingos Sávio no criar a *Companhia da Imaculada Conceição* e compilar o seu regulamento".

Os sócios da Companhia escolheram 'cuidar' de duas categorias de rapazes, que na linguagem secreta das atas eram chamados de 'clientes'. A primeira categoria era formada pelos indisciplinados, aqueles que eram fáceis nos palavrões e batiam nos outros. Cada sócio assumia um deles e tornava-se o seu 'anjo da guarda' pelo tempo necessário.

A segunda categoria era formada pelos recém chegados. Ajudavam-nos a passar alegres os primeiros dias, quando ainda não conheciam ninguém, não sabiam jogar, falavam só o dialeto do próprio lugar, sentiam saudades. Francisco Cerruti teve Domingos Sávio como 'anjo da guarda', e narrou com singeleza os seus primeiros encontros.¹⁷¹

A Companhia distinguia-se pela qualidade do membros e pelos métodos de ação aplicados aos jovens que necessitavam de maior assistência moral.

Ela transformou rapazes comuns em pequenos apóstolos com uma fórmula simplicíssima: reunião semanal com oração, escuta de uma boa página, exortação recíproca a frequentar os Sacramentos, um programa concreto de como ajudar no ambiente no qual se vivia, palavra livre para a comunicação dos sucessos e insucessos dos dias passados.¹⁷²

A Companhia da Imaculada tinha como regulamento:

1. Observar rigorosamente o regulamento da casa.
2. Edificar os companheiros avisando-os caridosamente e animando-os ao bem com as palavras e ainda mais com o bom exemplo.
3. Ocupar devidamente o tempo.

¹⁷¹ Pascual Chávez VILLANUEVA, "Chamou os que ele quis; e foram com ele" (Mt 3, 13): No 150º aniversário de fundação da **Congregação Salesiana**. Atas do Conselho Geral nº 404. Trad. Antenor Velho. Brasília: Editora Dom Bosco, 2009, p. 20.

¹⁷² Cf. *Ibid.*, p. 20.

E para podermos perseverar nesta regra, à qual queremos obrigar-nos, submetemos o presente regulamento à apreciação do nosso diretor.

1. Em primeiro lugar procuraremos obedecer rigorosamente aos nossos superiores, aos quais nos submeteremos com ilimitada confiança.

2. O cumprimento do dever será sempre a nossa primeira e especial preocupação.

3. A caridade recíproca unirá todas as almas e far-nos-á amar indistintamente os nossos companheiros, que avisaremos com doçura, quando pareça útil uma intervenção.

4. Reunir-nos-emos meia hora por semana e, depois de invocar o Espírito Santo e de fazer breve leitura espiritual, trataremos dos progressos da Companhia na devoção e na virtude.

.....
.....

7. Não se marca nenhuma oração, visto que o tempo que nos restar, depois de termos cumprido o nosso dever, deverá ser consagrado ao fim que nos parecer mais útil às nossas almas.

8. Adotamos, contudo, estas poucas práticas de piedade:

§ 1º A frequência dos santos sacramentos, tanto quanto nos seja permitido.

§ 2º Comungaremos todos os domingos, nas festas de preceito, em todas as novenas e solenidades de Maria Santíssima e dos santos protetores do Oratório.

§ 3º Durante a semana procuraremos comungar à quinta-feira, a não ser que disso sejamos impedidos por algum motivo urgente.¹⁷³

Distinguia-se esta nova associação pela qualidade dos membros e pelos métodos de ação. Se a companhia de São Luís podia passar por uma companhia de massa, a da Imaculada era reservada a um círculo restrito de membros de elite, que se interessavam por certo número de jovens do Oratório, que tinham maior necessidade de assistência moral e educativa. A cada educando do Oratório, seja novato ou não, era confiado um membro da companhia que devia esforçar-se, com

¹⁷³ São João Bosco, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco*, p. 85.

“todos os meios sugeridos pela caridade de Cristo”, para torná-lo mais virtuoso.¹⁷⁴ Em outras palavras, possibilitava-se ao jovem entender que aquele ambiente era diferente, porque o jovem protagonizava o próprio projeto educativo, fomentava-se o crescimento humano, espiritual e social; sentiam-se respeitados, livres, podiam confiar nos amigos e educadores, eram recebidos e tratados com afeto, certamente muito diferentes do que vivenciavam nas ruas de Turim. Tais condições permitiam o processo de emancipação educativa realizado pelos próprios jovens.

3.3.3. As Companhias do Santíssimo Sacramento, do Pequeno Clero e a de São José

Com o advento dos internatos e das oficinas profissionalizantes fez-se necessário o nascimento de outras Companhias, tais como: a do Santíssimo Sacramento, fundada em 1857 por João Bongiovanni, entre os estudantes, com a finalidade de promover a recepção regular dos sacramentos e a devoção à Sagrada Eucaristia;¹⁷⁵ e a do Pequeno Clero (*Piccolo Clero*), fundada também por João Bongiovanni em 2 de fevereiro de 1858, tinha como finalidade garantir que as cerimônias religiosas fossem celebradas corretamente e promover vocações ao sacerdócio entre os melhores estudantes.¹⁷⁶

Dom Bosco, logo percebeu que se havia descuidado da divisão dos aprendizes. Com efeito, as companhias existentes ou eram reservadas apenas aos estudantes, ou pouco adaptadas à mentalidade e capacidade dos aprendizes. Dom Bosco decidiu que estes teriam uma associação. O clérigo Bonetti foi encarregado de criar em março de 1859 a companhia de São José, que recrutou incontinenti muitos membros. O regulamento redigido pelos primeiros membros e revisto por Dom Bosco, deixa transparecer em primeiro lugar uma preocupação pelo bom andamento do Oratório. Esta companhia adaptou a seus membros o regulamento da companhia de São Luís. Possuíam a responsabilidade anual de organizar a festa de

¹⁷⁴ Cf. Eugenio CERIA, *Anali della Società salesiana: dalla origine ala morte di S. Giovanni Bosco (1841-1888)*. Tomo I. Roma: Editrice S.D.B., 1941, p. 642.

¹⁷⁵ Cf. Giovanni Battista LEMOYNE, *Memorie biografiche di S. Giovanni Bosco*. Vol. V. Torino: Società Editrice Internazionale, 1898-1917, p. 759.

¹⁷⁶ Cf. *Ibid.*. Vol. V, p. 788.

seu patrono. Dom Bosco considerava esta companhia como “a chave da piedade, conservatório da moral e sustento para as vocações eclesiásticas e religiosas”.¹⁷⁷

Regulamento Geral

Os jovens que fazem parte da Companhia de São José, confiando no poderoso auxílio deste grande Santo, prometem:

1. Observar diligentemente todas as regras do Instituto.
2. Prestar uma exata obediência aos Superiores, aos quais se submetem com ilimitada confiança; e de edificar os companheiros, seja com bons exemplos, seja admoestando-lhes caridosamente sempre que se apresentarem necessárias, exortando-lhes ao bem e afastando-lhes do mal.
3. Relacionar-se com a maior caridade para evitar brigas e todos os tipos de dissensões entre os companheiros e qualquer lugar e circunstância.
4. Evitar rigorosamente, e de impedir, por si, ou por meio de outros, maus discursos e qualquer outra coisa que é contrária ao pudor.
5. Ter abominação ao ócio, procurando que sejam bem ocupados todos os momentos do dia.
6. Vencer o respeito humano, não se fazendo escravos de vãos e imaginários temores.
7. Mortificar os sentidos externos, a fim de se preservarem puros e castos em pensamentos, palavras e ações, à exemplo de São José, que foi o primeiro a oferecer a Deus com voto sua pureza, e mereceu ser Guardião da mesma pureza, Jesus Cristo.

As atividades associativas, nunca foram opostas, mas frequentemente sobrepunham-se umas às outras, como uma espécie de reforço aos elementos fundamentais da prática educativa, especialmente orientado à finalidade de formar “bons cristãos e honestos cidadãos”. Podem-se identificar algumas características gerais: 1) Eram inspiradas e incentivadas conjuntamente por Dom Bosco e por jovens entusiasmados; 2) As aspirações comuns eram o exercício da prática de caridade para com o próximo, o cumprimento do dever e a observância das práticas religiosas; 3) Contribuíam para o trabalho educativo pessoal e social dos jovens do

¹⁷⁷ Eugenio CERIA, *Anali della Società salesiana: dalla origine ala morte di S. Giovanni Bosco (1841-1888)*. Tomo I, p. 642.

Oratório. 4) A boa transformação do ambiente contribuía para o desenvolvimento do protagonismo e a criação de condições para o processo de emancipação do jovem.

Como viu-se neste capítulo o conteúdo do sistema preventivo expresso pelo tripé – razão, religião e *amorevolezza* – fazem parte de um itinerário formativo, cuja finalidade é o de torná-los “bons cristãos e honestos cidadãos”. Contudo, tal objetivo não se conseguiria a partir de um processo educativo polarizado educador-educando. A eficácia e a originalidade de Dom Bosco consistiu em favorecer que os jovens pudessem desenvolver o conteúdo preventivo entre si, educando-se e educando o próximo, em um ambiente de afeto, de confiança, de familiaridade, de valores, de espiritualidade, tornando-os capazes de enxergar o caminho de realização e de integridade que outrora fora-lhes tirado pelos constantes reveses da história da Itália do século XIX e propiciando a eles a oportunidade de práticas emancipatórias.

* * *

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação pertence à linha de pesquisa de análise histórica da práxis educativa nas experiências sociocomunitárias, cuja finalidade é a investigação teórico-metodológica da práxis, centralizada no reconhecimento das múltiplas contribuições históricas oferecidas pelas instituições educativas e a incidência dos projetos político pedagógicos por elas atuados nos seus contextos socioculturais.

Como foi explanado, haverá muito ainda que se pesquisar a respeito das raízes históricas da educação sociocomunitária. Esta dissertação constitui-se como pesquisa bibliográfica, com autores como Pietro Braido, Pietro Stella, Antônio da Silva Ferreira, Tacísio Scaramussa, Arthur J. Lenti, Aldo Giraudo, dentre outros.

Abordou-se o processo de articulação adotado por Dom Bosco em vista de suas finalidades educativas, divididas em duas dimensões: a política e a educativa.

Na dimensão política foi apresentado o conceito da “Política do Pai Nosso”, método utilizado para buscar convergência entre sociedade civil e eclesiástica em vista da preservação de sua obra nascente que proporcionava atendimento e cuidados aos jovens em situação de miserabilidade.

Dom Bosco nasceu no início do século XIX, período que assinalou a passagem definitiva da Europa do *ancien régime* para a idade contemporânea. A Itália não possuía unidade política e nem era um país. Coexistiam vários estados que viviam em frágil clima de paz. Com a unificação, dois importantes obstáculos deveriam ser transpostos: no plano temporal, o domínio da Áustria não só em relação à região Lombardo-Vêneto, mas também sobre outras cortes italianas; e no plano espiritual, o Papa que não renunciou a seus Estados Pontifícios que ocupavam a região central da península italiana.

Como foi exposto, tal conjuntura gerou grandes transformações: na dimensão política, a ruptura do poder temporal do sumo pontífice acirrando a luta entre Estado e Igreja; na dimensão religiosa, dividiam-se os cristãos em torno do apoio ao papa e ao Estado nascente; na dimensão socioeconômica, presenciou-se a concentração

populacional nos centros mais desenvolvidos, ocasionando grandes bolsões de miséria, desemprego, altos índices de criminalidade, jornada de trabalho desumana, especialmente na classe mais jovem; na dimensão educacional, altos índices de analfabetismo, leis rígidas para a organização de institutos de educação pois se desejava formar novas gerações para a situação política do Estado nascente.

Este contexto foi determinante para a escolha apostólica, educativa e social de Dom Bosco. Escolheu trabalhar com a população juvenil miserável, analfabeta e abandonada. A disputa de força entre Estado e Igreja ameaçava o trabalho de Dom Bosco junto àqueles jovens. Ele logo percebeu que precisaria criar um modo de articulação entre estas duas esferas sociais a fim de que sua obra e conseqüentemente seus destinatários não deixassem de ser atendidos. Criou-se a ideia da “política do Pai nosso” que, baseada na ideia de Bem Comum, procurava buscar convergências entre os poderes em benefício da paz social e, principalmente, de seu intento educativo que atendia a parcela mais fragilizada da sociedade, os jovens.

Na dimensão educativa, como foi visto, apresentou-se o papel das Companhias (Associações) como meio de articulação do educando em seu processo de emancipação, que Dom Bosco chamava em sua época de “bons cristãos e honestos cidadãos”.

Para Dom Bosco, o homem inserido ativamente na sociedade civil e política é, antes de tudo e principalmente, o cristão competente e honesto no exercício de seu dever profissional. Ele contribuiria para a ordem e para o progresso da sociedade, governaria com sabedoria a própria família, e, participaria, segundo as próprias possibilidades, nas obras de beneficência e de solidariedade. Este era, precipuamente, o objetivo perseguido pelo padre turinês.

Reconheceu-se que para alcançar este objetivo Dom Bosco não se utilizava de meios tradicionais e verticalizados, centrados na figura do educador, mas articulava o jovem em um ambiente altamente educativo capaz de criar condições para o processo educativo protagonizado pelos jovens. Exemplo disto foram as Companhias (Associações Religiosas), estavam especialmente orientadas à

finalidade de formar “bons cristãos e honestos cidadãos”. Identificaram-se algumas características gerais:

- 1) Eram inspiradas e incentivadas conjuntamente por Dom Bosco e por jovens entusiasmados, caracterizando o trabalho conjunto de educador e educando. Assim, ambos crescem neste sistema educativo.
- 2) As aspirações comuns eram o exercício da prática de caridade para com o próximo, o cumprimento do dever e a observância das práticas religiosas. Vê-se claramente o escopo da educação salesiana: bom cristão e honesto cidadão.
- 3) Contribuíam para o trabalho educativo pessoal e social dos jovens do Oratório, caracterizando o processo de emancipação e de atuação social.
- 4) A boa transformação do ambiente contribuía para o desenvolvimento do protagonismo e a criação de condições para o processo de emancipação do jovem.

A eficácia e a originalidade de Dom Bosco consistiu em favorecer que os jovens pudessem desenvolver o conteúdo preventivo entre si, educando-se e educando o próximo, em um ambiente de afeto, de confiança, de familiaridade, de valores, de espiritualidade, tornando-os capazes de enxergar um caminho de realização e de integridade que outrora fora-lhes tirado pelos constantes reveses da história da Itália do século XIX.

Há muitos caminhos a serem trilhados no estudo da educação salesiana. Mas o que chama a atenção é como criar ambientes educativos que promovam clima favorável ao desenvolvimento do senso crítico, da ética como estruturas valorativas, de consciência de ser possuidor de direitos e deveres, de olhar o mundo como casa a ser preservada.

Finalmente, enseja-se que outras pesquisas possam ser desenvolvidas a respeito deste tema tão instigante, que pode possibilitar uma significativa contribuição na formação para a cidadania dos jovens de hoje e os de amanhã.

* * *

REFERÊNCIAS

Fontes

Bosco, Giovanni. **Il Giovane provveduto**. Torino: Tipografia Paravia e Comp., 1847.

_____. **Il pastorello dele Alpi: ovvero vita del Giovane Besucco Francesco d'Argentera**. Torino: Tipografie dell'Oratorio di San Francesco di Sales, 1864.

_____. **Regolamento dell'Oratorio di San Francesco di Sales**. Torino: Tipografie Salesiana, 1877.

Bosco, João. **Ensinamentos de Vida Espiritual – Uma antologia**. Introdução e notas de Aldo Giraudó. Trad. Hilário Moser. Brasília: Editora Dom Bosco, 2014.

Bosco, São João. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales (1815-1855)**. Introdução e notas de Antônio da Silva Ferreira. Trad. Fausto Santa Catarina. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012.

_____. **Vidas de jovens. As biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco**. Estudo introdutório e notas históricas de Aldo Giraudó. Trad. Hilário Moser. Brasília: Editora Dom Bosco, 2013.

Livros

BONOMELLI, Geremia. **Questioni religiose, morali, social del giorno**. Vol. 1. Milano: Cogliatti, s/d.

Bosco, Terésio. **Dom Bosco: uma biografia nova**. 6ª Ed. Trad. Hilário Passero. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

BRAIDO, Pietro. **Buon cristiano e onesto cittadino: una formula dell' 'umanesimo educativo' di don Bosco**. Roma: LAS, 1994.

_____. **Dom Bosco padre do jovens no século da liberdade.** Trad. Geraldo Lopes. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.

_____. **Don Bosco educatore scritti e testimonianze.** 2ª Ed. Roma: LAS, 1992.

_____. **Don Bosco nella Chiesa.** Roma: LAS, 1987.

_____. **Il Sistema Educativo di Don Bosco.** 2ª Ed. Zürich: Pas-Verlag, 1964.

_____. **L'esperienza pedagógica di Don Bosco.** Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1988.

_____. **Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco.** Trad. Jacy Cogo. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CAVIGLIA, Alberto. **Dom Bosco: uma visão histórica.** Trad. Antônio da Silva Ferreira. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1987.

CERIA, Eugenio. **Analli della Società salesiana: dalla origine ala morte di S. Giovanni Bosco (1841-1888).** Tomo I. Roma: Editrice S.D.B., 1941.

_____. **San Giovanni Bosco: nella vita e nelle opere.** 2ª Ed. Torino: Società Editrice Internazionale [SEI], s/d.

COMPARATO, Fábio Konder. **A afirmação histórica dos Direitos Humanos.** 3ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium Et Spes.** Trad. Paulus. São Paulo: Paulus, 2013.

DESRAMAUT, Francis. **Don Bosco en son temps (1815-1888)**. Torino: Società Editrice Internazionale [SEI], 1996.

FERREIRA, Antônio da Silva. **Temas Salesianos 2: A Marquesa Barolo e Dom Bosco**. São Paulo: Inspetoria Salesiana de São Paulo (Circulação Interna), 2009.

_____. **Dom Bosco e a Política**. São Paulo: Inspetoria Salesiana de São Paulo, 2009.

_____. **Não basta amar... A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos**. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. 8ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

GODECHOT, Jacques. **A Revolução Francesa: cronologia comentada**. Trad. Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. **L'epoca delle rivoluzioni**. Turim: Utet, 1981.

GROPPO, Giuseppe. **Vida sacramental, catequese, formação espiritual: elementos essenciais do Sistema Preventivo**. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1977, (Col. Cadernos Salesianos – nº 5).

HOBBSAWN, Eric. **A era das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LEMOYNE, Giovanni Battista. **Memorie biografiche di S. Giovanni Bosco**. Vol. VI. Torino: Società Editrice Internazionale, 1898-1917.

_____. **Memorie del venerabile Servo di Dio, Don Giovanni Bosco (1847-1850)**. Vol. III. Torino: S. Benigno Canavese, 1903.

_____. **Memorie del venerabile Servo di Dio, Don Giovanni Bosco (1862-1864)**. Vol. VII. Torino: S. Benigno Canavese, 1909.

_____. **Memorie del venerabile Servo di Dio, Don Giovanni Bosco (1865-1867)**. Vol. VIII. Torino: S. Benigno Canavese, 1912.

LENTI, Arthur J. **Dom Bosco: história e carisma**. Vol. 1 – Origem: dos Becchi a Valdocco (1815-1849). Trad. Antenor Velho. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012.

_____. **Dom Bosco: História e Carisma**. Vol. 2: Expansão: De Valdocco a Roma (1850-1875). Brasília: Editora Dom Bosco, 2013.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARRIOT, John Arthur Ransome. **Makers of Modern Italy: Mazzini – Cavour – Garibaldi**. London: Macmillan, 1901.

MORI, Giorgio. **L'industrializzazione in Italia (1861-1900)**. 2ª Ed. Bologna: Il Mulino, 1981.

NICOLSON, Nigel. **Napoleão: 1812**. Trad. Henrique de A. Mesquita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIALL, Lucy. **The Italian Risorgimento: State, Society and National Unification**. London: Routledge, 1994.

SCARAMUSSA, Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Salesiana de Dom Bosco, 1984, p. 77.

SOBOUL, Albert. **A Revolução Francesa**. Trad. Rolando Roque da Silva. 6ª Ed. São Paulo: Difel, 1986.

STELLA, Pietro. **Don Bosco nella storia della religiosità cattolica**. Vol. 1. Roma: LAS, 1979.

_____. **Don Bosco nella storia della religiosità cattolica**. Vol. 2. Roma: LAS, 1981.

_____. **Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870)**. Roma: LAS, 1980.

VILLANUEVA, Pascual Chávez. **“Chamou os que ele quis; e foram com ele” (Mt 3, 13): No 150º aniversário de fundação da Congregação Salesiana**. Atas do Conselho Geral nº 404. Trad. Antenor Velho. Brasília: Editora Dom Bosco, 2009.

_____. **Estreia 2013**. Brasília: Editora Dom Bosco, 2013.

WIRTH, Morand. **Dom Bosco e os Salesianos**. Trad. Fausto Santa Catarina. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1971.

Revistas

BRAIDO, Pietro. “Il progetto operativo di Don Bosco e l’utopia della società cristiana”. **Salesianum**, Roma, LAS, n. 6, p. 7-11; 18-27, 1982.

MATTAI, Giulio. “Don Bosco e la questione operaria”. **Salesianum**, Roma, v. 10, n. 3, p. 358-368, lugl./sett. 1948.

SINISTREO, Vincenzo. “La legge Bon Compagni del 4 ottobre 1848 e la libertà della scuola”, **Salesianum** 10 (1948): p. 369-423.

Teses

DAMAS, Luiz Antonio Hunold de Oliveira. **A Preventividade na Educação Salesiana: Gênese e Desenvolvimento até sua consolidação no Ensino Superior**. Doutorado em Educação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

Sites

Disponível em:

<http://www.treccani.it/enciclopedia/camillo-benso-conte-di-cavour/>.

Acessado em 18.01.2014.

Disponível em:

<http://www.sdb.org/index.php?linguanewsletter=5&ids=12&sott=17&detsot=7&ty=2>.

Acessado em: 12.04.2014.